



Publicação:  
Sistematizações, resumos  
e relatos do que foi  
apresentado na  
Maratona de 2017

---

# MARATONA DE SISTEMATIZAÇÃO DE PRÁTICAS EM ESPORTE E DESENVOLVIMENTO HUMANO

---









# índice

## PARTE I: Sistematizações

### **1. Maratona de Sistematização de Práticas em Esporte e Desenvolvimento Humano: Uma experiência sobre como sistematizar e organizar encontros para disseminar conhecimento.**

*Edgard Arantes, Amanda Bush, Marcos Vinicius Moura, Maykell Carvalho, Mônica Zagallo e William Boudakian*

### **2. Interiorizando os valores humanos através da empatia, usando o jogo como ferramenta**

*Ariane Lozada e Regina Helena - Instituto Família Barrichello*

### **3. Educação Esportiva de 8 a 11 anos**

*Kátia Aparecida Pereira Moraes, Suzana Cavalheiro e Dirceu Gomes Mota – PRODHE*

### **4. Ampliando o vocabulário dos sentimentos**

*Ariane Lozada e Regina Helena - Instituto Passe de Mágica*

### **5. O quê, por quê e para quê? Resignificando a prática**

*Richard Pinto e Elaine Ambrósio - Instituto Passe de Mágica*

### **6. Hip Hop e Empoderamento em jovens residentes em área de vulnerabilidade social**

*Allan Michel De Andrade Maximiano, Camila Bianca Kramer Bin, Carla Nascimento Lugetti - Universidade Santa Cecília*

### **7. Exercício de fundamentação técnica no basquete**

*Bruno Nahuili Bressan - APCEF/PR (Associação de Funcionários da CAIXA - Curitiba-PR)*

### **8. Futebol sem bola, inclusivo para adolescentes e jovens**

*Josiane Espinosa - Fundação Gol de Letra*

### **9. “Sport Education” na formação de jovens mediadores esportivos**

*Marcos Vinicius Moura e Silva - PRODHE/CEPEUSP*

### **10. Discutindo a ética no esporte como preparação para um torneio de vôlei adulto em ambiente de lazer**

*Carina da Silva de Lara Sarruge – SESC*

### **11. Uma prática para desenvolvimento de habilidades socioemocionais**

*Sandra Maria dos Santos, Ronaldo Vilaça, Suzana Prates, Soraia Eliezer - PRODHE/CEPEUSP*

## PARTE II: Resumos e Relatos

### **1. Quem somos e o que podemos? Reflexões sobre equidade de gênero com crianças de 6 a 8 anos**

*Kelly Cota e Jady Caroline* - Instituto Passe de Mágica

### **2. Foco na Brincadeira**

*Priscila Regina e Guilherme Ruiz* - Instituto Passe de Mágica

### **3. Jovens Protagonistas**

*Neusa Ribeiro e Maickon Jhons* - Instituto Passe de Mágica

### **4. Empoderamento e Protagonismo Juvenil**

*Natalia Araújo de Souza* - Instituto Família Barrichello

### **5. Encontro de Família para o desenvolvimento humano dos educandos**

*Dayane Alves da Silva* - Instituto Família Barrichello

### **6. Physical Literacy e ginástica para todos: em busca de congruências**

*Larissa Marques da Silva e Prof. Dr. Mariana Harumi Cruz Tsukamoto* - EACH – USP

### **7. Pedagogia do encantamento no trabalho com jovens e suas famílias**

*Lilian Borges* - Instituto Passe de Mágica

### **8. Tchoukball, o esporte da paz que auxilia na formação de pessoas**

*Eduardo Palone Brunello* - Fundação Gol De Letra

### **9. Esporte e gênero**

*Mauricio Amatto, Mallena Sales, Deyse Cristiane, Douglas Felix* - Fundação Gol de Letra

### **10. Esporte na Rua?**

*Leidiane Delmondes e Reinaldo Almeida* - Instituto Família Barrichello

### **11. Educador: da sensibilidade à formação**

*Kelly Cota* - Instituto Passe De Mágica

### **12. Reconhecendo meus potenciais**

*Leidiane Delmondes e Rafael Eichhorn* - Instituto Passe de Mágica

### **13. Esporte Jovem: uma proposta de competição pedagógica**

*Wellington da Silva Briza* - SESC Bertioga

### **14. Estrelas do Beisebol uma proposta de esporte e transformação**

*Wellington da Silva Briza* - SESC Bertioga



**índice**

The background features a large orange circle with a halftone dot pattern on its left side. To the right, a vertical column of orange diamonds is arranged in a slightly curved path. The word "sistematizações" is written in white, lowercase, sans-serif font across the center of the solid orange circle, with a thin white horizontal line underneath it.

**sistematizações**



# Maratona de Sistematização de Práticas em Esporte e Desenvolvimento Humano: Uma experiência sobre como sistematizar e organizar encontros para disseminar conhecimento.

*Edgard Arantes, Amanda Bush, Marcos Vinicius Moura,  
Maykell Carvalho, Mônica Zagallo e William Boudakian*

## QUAL A ORIGEM DA MARATONA?

As instituições co-organizadoras da Maratona de Sistematização de Práticas em Esporte e Desenvolvimento Humano, há muito, tem internamente como uma prática formativa a sistematização e compartilhamento de suas ações e metodologias de atendimento a públicos diversos, em sua maior parte crianças e adolescentes, mas também, jovens, adultos, idosos e famílias. Esse compartilhamento permite ampliar a formação do educador, aprimorar a prática pedagógica, desenvolver a metodologia da organização e estimular a formação de uma equipe mais afinada e empática.

O encontro constante dos gestores e educadores dessas instituições em espaços variados, a aproximação, o conhecimento mútuo e os interesses comuns levaram à percepção da necessidade de realizarem ações e eventos conjuntos para um maior impacto, no caso da Maratona, na formação dos educadores e na sistematização e disseminação de conhecimento.

Por isso, desde 2015, o PRODHE (Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte), o IFB (Instituto Família Barrichello), o IPM (Instituto Passe de Mágica) e a FGL (Fundação Gol de Letra) realizam a Maratona de Sistematização de Práticas em Esporte e Desenvolvimento Humano. A cada edição o evento vem fazendo um esforço crescente no sentido de abrir-se a relatos de outras organizações, como escolas, o Sistema S etc.

Vale ressaltar que as quatro instituições fazem parte da REMS (Rede Esporte pela Mudança Social). A Rede Esporte pela Mudança Social - REMS reúne hoje **104 organizações** que atuam com o esporte como fator de desenvolvimento humano. Atuar com gestão do conhecimento é um dos desafios da REMS. A Maratona contribui com esse desafio a medida que registra seus aprendizados e resultados numa sistematização.

## COMO REALIZAR UMA MARATONA?

O objetivo da Maratona de Sistematização de Práticas em Esporte e Desenvolvimento Humano foi de mobilizar educadores e instituições que atuam com esporte a compartilharem suas práticas inovadoras num ambiente de troca e reflexão, gerando novas aprendizagens.

A Maratona de 2017 teve como meta realizar um evento para até 80 educadores/as; disseminar 20 práticas sistematizadas; organizar um documento com registro dos trabalhos; e disponibilizar o material sistematizado para outras instituições da REMS e interessados.

A estratégia para a realização da Maratona passa pelo planejamento, execução e avaliação e foi organizada em 4 etapas, com duração de sete meses. Teve início em agosto de 2017 e os processos foram finalizados em fevereiro de 2018\*.

### ETAPA 1 - Planejamento

- a) Nesta etapa foram alinhados os objetivos e estratégias gerais, definidas as ações, atividades, prazos e responsabilidades de cada instituição membra da comissão organizadora;
- b) Foram listados os recursos disponíveis e indicados possíveis parceiros, voluntários e apoiadores;
- c) Foi definido um instrumento com roteiro para coleta dos relatos com perguntas norteadores e os critérios de avaliação;

---

\*Importante ressaltar que as instituições que organizaram, já trazem em sua metodologia este processo há pelo menos 10 anos ou mais como prática institucionalizada e as equipes tem no plano de trabalho e na própria agenda institucional a meta de sistematizar ao menos uma prática por ano.





d) O processo de comunicação também foi alinhado e contou com as seguintes definições: Ajuste do nome do evento para 3ª Maratona de Sistematização de Práticas em Esporte e Desenvolvimento Humano, dando continuidade às duas edições anteriores; ajuste do logotipo para manter a mesma identidade visual do primeiro ano; estratégia de divulgação em rede social Facebook a partir de uma página do evento com pelo menos 2 meses de antecedência, produção da arte do convite, do banner e da programação seguindo a mesma identidade visual;

e) Nesta fase as instituições se reuniram em 3 encontros presenciais (15/08; 17/10; e 08/11), bem como, realizaram conversas por e-mail, para estruturar todos os processos e honrar os prazos.

## **ETAPA 2 - Inscrição dos Relatos**

a. Foi elaborado um formulário (via Google) contendo perguntas norteadoras para o registro sistemático da experiência:

### **1. ORIGEM DA EXPERIÊNCIA** (máximo de 1000 caracteres) \*

perguntas-dica: Qual o contexto? O que desencadeou essa experiência? Que hipóteses foram levantadas sobre o desafio e/ou situação? Quem era o público alvo da ação?

### **2. RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA - O QUE E COMO FIZEMOS** (máximo de 1500 caracteres) \*

Perguntas-dica: Quais objetivos e metas foram estabelecidos? Quais foram as estratégias utilizadas? Quanto tempo durou essa experiência? Descreva os recursos utilizados (humanos,

materiais, tecnológicos, etc). Se for o caso, aponte quais foram as referências teóricas e metodológicas.

### **3. COLHENDO APRENDIZAGENS** (máximo de 1000 caracteres) \*

Perguntas-dica: O que não sabíamos no início da experiência e hoje sabemos? Quais os resultados obtidos com essa iniciativa? Qual a relevância dos resultados para a sua instituição e, principalmente, para o público alvo?

### **4. REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA** (máximo de 1000 caracteres) Perguntas-dica:

Quais os sucessos e dificuldades que marcaram a caminhada? Durante o processo surgiram novos desafios? Como foram enfrentados? É possível aproveitar essa experiência em outros contextos (por exemplo, com outros grupos etários)?

a. No mesmo formulário do Google foram apresentados os seguintes critérios para avaliação:

1. **INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE:** o relato demonstra originalidade e uso de novas estratégias além das habituais para a situação relatada.
2. **EXPERIÊNCIA CONSOLIDADA COM RESULTADOS EXPRESSIVOS:** o relato apresenta claramente os efeitos e consequências das estratégias experimentadas.
3. **EXPERIÊNCIA COM POSSIBILIDADE DE INSPIRAÇÃO PARA DIFERENTES CONTEXTOS:** as estratégias utilizadas são acessíveis para serem experimentadas em outras situações (por exemplo, com outros grupos etários).





- a. O formulário foi publicado amplamente via rede social e enviado aos membros da REMS por lista de email, com prazos para inscrição definidos;
- b. Para o processo de avaliação foi feito um convite, normalmente a docentes e/ou parceiros com uma vivência acadêmica, mas que tem relações com organizações da sociedade civil e valorizam um conhecimento mais prático que mantem pontes com o conhecimento acadêmico. A comissão, composta de nove integrantes, atuaram de forma voluntária e a partir dos critérios (via formulário criado a partir do google) validavam os trabalhos a partir destes indicadores: Pleno, Satisfatório, Regular, Insatisfatório; e também poderiam fazer uma recomendação ao trabalho inscrito. Cada trabalho foi avaliado por pelo menos 3 pessoas da comissão de avaliação;
- c. Após o processo de avaliação os autores receberam a devolutiva por email. Em função do número de trabalhos inscritos a comissão organizadora optou por contemplar a apresentação de todas as iniciativas, valorizando o esforço dos educadores em sistematizar suas práticas pedagógicas. Dessa forma, a devolutiva dos avaliadores serviu para aprimorar a apresentação e a escrita dos trabalhos.





### **ETAPA 3 - Realização do Evento**

- a. O Espaço NURI – CEPEPUSP e as datas 13 e 14/12/2018 para a realização do evento foram definidos na fase de Planejamento, no mês de agosto. O processo de divulgação com “reserve esta data” foi feito durante o mês de outubro.
- b. O espaço contava com 2 salões e 3 quadras para realização de vivências esportivas, além de infraestrutura com espaço para um café e alimentação.
- c. Foi elaborada uma programação com 16 horas de duração divididas em oito blocos de apresentação (realizados de dois em dois, concomitantemente) e vivências e dois espaços de formação ao final de cada dia.
- d. No processo de divulgação do evento foi enviada a programação e desenvolvido um formulário via google para inscrição dos participantes. Os inscritos foram desafiados a organizar um café comunitário.
- e. No dia do evento, uma equipe realizou a recepção e inscrição de cada participante nos blocos, indicando os espaços.
- f. Cada bloco foi formado com 4 a 4 trabalhos. Cada prática pedagógica ou relato tinha de 20 a 30 minutos de apresentação. Após as apresentações era realizada uma “Roda de Diálogo” com os apresentadores e participantes.
- g. A estratégia “Rodas de Diálogo” foi escolhida como espaço de troca coerente com as concepções e práticas pedagógicas das instituições organizadoras, pois valoriza todos os participantes.
- h. Para mediar as “Rodas de Diálogo” foram convidadas previamente 6 pessoas da comissão de avaliação. Eles facilitaram as apresentações, reforçando os critérios de avaliação (inovação e criatividade, experiência consolidada e inspiração para diferentes contextos) dos trabalhos, desafiando os participantes a refinar o olhar, bem como favoreceram o diálogo entre os trabalhos e vivências de cada bloco.
- i. Foram convidados dois professores para uma palestra especial: Carla Luguetti, apresentou o tema “Modelos Pedagógicos” e Victor Barau, apresentou o tema “Conjunturas Políticas”.

### **ETAPA 4 - Sistematização e disseminação do Encontro**

- a. Nesta edição da Maratona, a comissão decidiu organizar um documento com todos os trabalhos inscritos, independente se foram ou não apresentados, visando disseminar ainda mais as aprendizagens colhidas.



b. A partir do próprio formulário, os autores foram contatados e definiu-se um prazo para realizar os ajustes e aprofundar e acrescentar algumas discussões propostas no instrumento de inscrição que é mais limitado. Quinze propostas foram ampliadas e as demais foram incluídas de forma resumida, totalizando 23 trabalhos organizados.

c. Após a organização dos conteúdos, foi enviado para diagramação e aprovação da comissão.

d. O material sistematizado rendeu uma publicação de mais de 100 páginas e será divulgado nas redes sociais e junto às organizações membros da REMS.

Os recursos humanos para realização deste trabalho foram voluntários das seguintes:

a. Comissão organizadora

a. PRODHE: 2 pessoas (Maykell e Marcos);

b. Instituto Família Barrichello: 2 pessoas (Will e Tatiana);

c. Instituto Passe de Mágica: 1 pessoa (Amanda);

d. Fundação Gol de Letra: 2 pessoas (Monica e Edgar).

b. Comissão de avaliação

Mariana Harumi, Reinaldo Pacheco, Tatiana Freire, Paula Korsakas, Larissa Gallati, Ana Motta, Rubens Menha, Dante De Rose e Carla Lughetti

a. Comissão de Mediadores

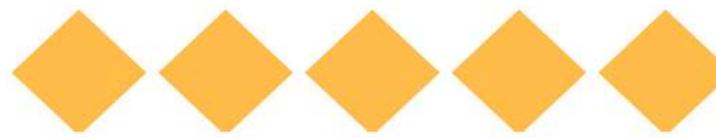
Mariana Harumi Cruz Tsukamoto, Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco, Thatiana Aguiar Freire Silva, Paula Korsakas, Rubens Menha Floriano e Carla Nascimento Luguetti

## **QUAIS OS APRENDIZADOS E RESULTADOS DA MARATONA?**

A Maratona proporcionou diferentes aprendizados e resultados:

### **Aprendizados das organizações executoras**

- Organizar o evento com planejamento de um ano foi muito assertivo, bem como dividir as tarefas.
- A organização do evento contou com um planejamento de pelo menos um ano e com encontros sistemáticos a partir de agosto de 2017 e uma divisão de tarefas entre a comissão organizadora das instituições.
- Contar com uma rede de parceiros para apoiar no processo seletivo dos trabalhos e mediação das rodas de diálogo foi fundamental para o bom andamento do evento.
- A avaliação pós-evento foi um instrumento importante para o desafio de registrar o evento.



## **Aprendizados dos educadores**

- A Maratona é uma estratégia que desafia os participantes a inscreverem uma prática. Ela desafia e amplia a troca do conhecimento entre as instituições. Organizar uma ação desta natureza estimula educadores a inscrever um relato teórico, mas também os desafia a criar novas atividades e isso é inspirador para todo o público presente.
- A experiência possibilitou que os educadores reconhecessem que são extremamente capazes de produzir e compartilhar conhecimentos, promovendo ótimas reflexões e apresentações de vivências esportivas inovadoras.

## **Resultados da experiência Maratona**

- Em todas as edições do evento foram quase 100 inscritos e média de 70 participantes.
- Em relação aos relatos, ocorreram interfaces com o tema gênero, planejamento, mediação de conflito, comunicação não violenta, educação, etc.

## **DESTAQUES 2017**

- foram 25 trabalhos inscritos, 23 apresentados, nenhum foi excluído pelos critérios de avaliação, por opção dos organizadores.
- além do aumento de instituições inscritas e do número de relatos, pela primeira vez houve a presença de pessoas de outros estados: Rio de Janeiro e Paraná.

Nas edições anteriores foram 22 trabalhos inscritos e 18 trabalhos apresentados (1ª edição - 2015) e 28 trabalhos inscritos e 18 trabalhos apresentados (2ª edição – 2016).





## **CONTRIBUIÇÕES DA MARATONA PARA O ESPORTE COMO DIREITO SOCIAL**

Organizar uma publicação sobre o evento pode estimular um processo de disseminação de conhecimento em Esporte e Desenvolvimento Humano junto a REMS e outras instituições e interessados para outras regiões do Brasil.

Sistematizar a experiência é uma forma de estimular que outras regionais da REMS e instituições também possam desenvolver ações de disseminação do conhecimento. Sobretudo para instituições que não vivem este processo, pode ser um bom desafio realizar um encontro interno entre a própria equipe - a partir dos instrumentos que podem ser adaptados - e num segundo momento organizar um evento coletivo e aberto ao público. Isso ajuda a trazer múltiplos olhares e se transforma num espaço de difusão de conhecimento.

Importante ressaltar que as instituições que organizaram, já trazem em sua metodologia este processo há pelo menos 10 anos ou mais como prática institucionalizada e as equipes tem no plano de trabalho e na própria agenda institucional a meta de sistematizar ao menos uma prática por ano.





# Interiorizando os valores humanos

## através da empatia, usando o jogo como ferramenta

*Ariane Lozada e Regina Helena*

**INSTITUTO FAMÍLIA BARRICHELLO**

### **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O grupo traz uma bagagem cultural que é o futebol como vivência, em todas as aulas insistentemente essa modalidade é suplicada para nós educadores. Pensando na dificuldade que o grupo tem em perceber o outro e se colocar em seu lugar, adequamos uma ferramenta que atendesse ambas as necessidades tanto dos educandos quanto a do projeto que preconiza os valores humanos como base de trabalho e iniciação esportiva.

### **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

O objetivo era desenvolver a empatia através do jogo de futebol, estimular a criatividade na proposta e realização dos desafios, além de interiorizar os valores humanos. As partidas eram realizadas em três momentos sendo que no primeiro momento cada equipe escolhia a meta que o adversário teria que realizar dentro da partida para marcar três pontos somados aos seus gols, podendo ser uma meta relacionada ao um fundamento técnico/tático do futebol ou ações voltadas aos valores humanos, no segundo momento o jogo era realizado e após seu término fazia-se o balanço das metas executadas e a soma de pontos (futebol três tempos).

Depois de eles entenderem a dinâmica do jogo, sugerimos diversas variações como a inserção de valores humanos na criação de suas metas por já termos trabalhado os valores anteriormente, a troca de metas (o grupo que criou foi o próprio executor), a disposição de todas as metas para que qualquer equipe escolhesse de acordo com a competência do grupo e após vivência a equipe teria a autonomia de alteração para os próximos jogos.



Essa experiência está tendo a duração prevista de dois meses. Materiais utilizados bola, papel, caneta e o conhecimento prévio de alguns valores humanos. A metodologia usada foi do futebol callejero.

### **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Não sabíamos que o grupo iria gostar do jeito que foi feito, acreditamos que quando há intencionalidade nas atividades a probabilidade de dar certo é muito grande, pois a proposta do projeto está pautado no desenvolvimento humano, na qual conseguimos atrelar a necessidade dos educandos às metas gerais do projeto. O que foi significativo para as crianças foram os momentos de reflexão ao se colocar no lugar do outro, na elaboração das metas e na vivência de sua própria meta.

### **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Vimos como sucesso no decorrer das aulas, propostas de desafios mais bem elaboradas, além da facilidade em associar duas metas em uma única proposta. Outro sucesso aos nossos olhos foi que algumas equipes extinguiram as metas que requeriam habilidades técnicas dando ênfase aos valores humanos. Além disso, algumas equipes passaram a olhar para a equipe adversária antes de sugerir um desafio, observando seu potencial e avaliando se a meta que iriam sugerir era possível. Uma das dificuldades foi no início da proposta à criança tentar se colocar no lugar do outro no momento de pensar as metas, outro desafio foi a inserção dos valores humanos como metas, em que a garotada mostrou certa dificuldade em vincula-las, mas com a continuidade, se tornou algo fácil de criar em equipe. As dificuldades foram vistas como parte do processo sendo uma oportunidade de variações na proposta.

É possível aproveitar essa experiência em outros ambientes desde que haja uma observação das necessidades do grupo.



## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Desafiaremos os participantes a compor equipes com quatro integrantes e inicialmente cada equipe terá que criar metas em que eles acreditam que possa ser realizada pelo outro. O próximo passo será a realização da partida e ao final a avaliação de como foi o jogo. Na oportunidade seguinte os desafios serão trocados e cada equipe terá que cumprir a própria meta. Ao finalizar essas vivências, as equipes terão a oportunidade de dialogar e avaliar as metas cumpridas ou não, trazendo para reflexão a vivência da própria meta (empatia).

As partidas irão ocorrer de acordo com o espaço que teremos e o número de voluntários para a vivência. A princípio serão equipes de no mínimo quatro e no máximo oito integrantes e as partidas terão a duração de três minutos.

Materiais: cones, bolas e coletes.





# Educação esportiva de 8 a 12 anos

*Kelly Cota*

INSTITUTO PASSE DE MÁGICA

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Nos últimos anos, o grupo de educadores do PRODHE buscou compreender a relação Esporte e Desenvolvimento Humano dedicando-se a aprimorar seu conhecimento, aperfeiçoar a prática pedagógica e desenvolver um Modelo Pedagógico para estimular uma vida ativa como valor e hábito a partir das práticas corporais esportivas e do brincar.

Para a elaboração do Modelo Pedagógico, o grupo definiu seus conceitos de Desenvolvimento Humano, Desenvolvimento Ativo ao Longo da Vida, Alfabetização Corporal, Brincar e Desenvolvimento Esportivo. A fim de concretizá-lo, a equipe elencou o que chamamos de “elementos críticos”, para estruturar e fundamentar as práticas corporais desenvolvidas. São eles: Ludicidade, Excelência de si, Comunidade de Prática, Lógica Interna e Eventos.

O desafio agora é desenvolver, sistematizar e disseminar os conceitos e elementos críticos deste novo Modelo Pedagógico a partir de sua aplicação no dia a dia das atividades no PRODHE. Compartilharemos aqui a experiência da aplicação do Modelo com nossos educandos de 8 a 11 anos.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

O objetivo foi desenvolver práticas e estratégias que dialoguem com o Modelo Pedagógico construído, embasadas nos elementos críticos e conceitos que os



fundamentam. Para isso foi necessário entender o que cada um dos elementos críticos significava nesta faixa etária e como isso se traduz na prática. Em seguida, escolhemos com cuidado quais seriam as atividades, pensando em criar uma estrutura que pudesse ser reproduzida em diversas modalidades, pois no PRODHE esta faixa etária vivencia e aprende várias modalidades esportivas ao longo de um semestre de atividades. O trabalho foi realizado durante o 2o semestre de 2017, mas começou a ser concebido ainda no 1º semestre do mesmo ano. O espaço de construção envolveu toda a equipe de educadores do PRODHE, a qual participa de um Grupo de Estudos composta também por um docente da Escola de Educação Física da USP. A inspiração inicial veio do Modelo “Sport Education” de Daryl Siedentop e a concepção de “Physical Literacy” - Alfabetização Corporal, que se somaram a todas as aprendizagens e conhecimentos consolidados pelo PRODHE ao longo de sua trajetória.

## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Ao longo do semestre compreendemos melhor o significado de cada elemento crítico para a faixa etária e como enfatiza-los durante as atividades. Os 5 elementos críticos foram traduzidos para a faixa etária da seguinte forma:

- Ludicidade: Divertir-se através de jogos e brincadeiras.
- Excelência de si: Querer jogar mais e melhor, interesse em aprender.
- Comunidade de Prática: jogar com todos, compreender seu papel no grupo, oferecer e buscar ajuda.
- Lógica Interna: Identificação das ações de jogo.
- Eventos: Celebrar com o outro as aprendizagens, construção de desafios, festivais e competições esportivas.

Percebemos que estes elementos precisavam tomar vida, não só para os educadores, mas principalmente para os educandos. Era necessário que os educandos percebessem os elementos críticos como “ingredientes fundamentais” de sua aprendizagem e se responsabilizassem também por ela. A partir da experiência poderemos sistematizar os aprendizados e compartilhá-los com outras instituições e parceiros.



Acreditamos que o trabalho desenvolvido possa empoderar cada vez mais os educandos na busca do Desenvolvimento Esportivo Ativo na medida em que a metodologia possibilita a formação de educandos esportivamente competentes, cultos e entusiasmados, que é o resultado esperado da metodologia.

## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Ao longo do semestre conseguimos estruturar a organização dos conteúdos de uma modalidade de forma que esta fosse a referência de trabalho no grupo e pudesse ser replicada em outras modalidades. Como exemplo podemos citar:

- Progressão nas situações de jogo: 1+1, 1 x 1, 2 x 1, etc.
- Utilização de materiais variados: com pesos e tamanhos mais adequados para a faixa etária e a fase de aprendizagem.
- Conhecimento das ações de jogo: identificar as ações necessárias para atingir o objetivo do jogo.

Trabalhando desta forma, conseguimos também melhorar o entendimento por parte dos educandos de que a aprendizagem de uma modalidade auxilia na das demais.

O elemento crítico mais difícil de ser trabalhado foi Comunidade de Prática. A faixa etária demonstrou bastante dificuldade em fazer escolhas durante as aulas pensando no bem comum, muitos não mostraram compromisso com sua própria aprendizagem e a do outro. Para todas as aulas foi necessário criar desafios onde um necessitasse ajudar o outro, percebendo e compartilhando os saberes. Internamente, com a equipe, esperamos que os resultados positivos possam colaborar com o trabalho nas outras faixas etárias atendidas pelo Prodhe e alimentar as discussões do Grupo de Estudos.



## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para demonstrar como se deu a experiência, escolhemos a modalidade voleibol através da vivência de jogos pré desportivos, mostrando como os elementos críticos são trabalhados em nossas atividades na faixa etária de 8 a 11 anos.

A vivência iniciou-se com uma roda de conversa para contextualizar a experiência e explicar o que faríamos. Introduzimos a Lógica Interna da modalidade antes de começar a prática, trazendo alguns exemplos das ações de jogo do vôlei e pode ser completado ao longo da atividade. Na roda também definimos os papéis dos participantes: quem iria jogar e quem iria observar para preencher um do quadro, registrando como os elementos críticos fossem aparecendo na atividade.

### **A parte prática foi composta por 4 jogos:**

*Campo Minado:* Duas equipes, uma de cada lado da quadra, com uma bola para cada participante, desafio-objetivo passar o maior número possível de bolas para o espaço do adversário por cima da rede utilizando os fundamentos do vôlei. Ao sinal do educador, todos param para fazer a contagem das bolas.

*Resgate:* Duas equipes, uma em cada lado da quadra, cada uma eleger um sacador que irá iniciar o “resgate” dos colegas da equipe. Cada sacador recebe 3 bolas. Para resgatar sua equipe o sacador deverá realizar um saque e este ser interceptado por um colega da equipe utilizando o fundamento eleito pelo educador. Experimentar algumas rodadas com diferentes desafios-exigências. Ex.: para ser resgatado é necessário segurar a bola, ou realizar toque e manchete, etc. Experimentar diferentes tipos de bola durante o jogo.

*Câmbio:* 2 equipes, 1 bola, cada equipe deve realizar no máximo 3 toques antes de passar a bola por cima da rede em direção à quadra adversária. É permitido segurar a bola em qualquer um dos toques. Experimentar diferentes tipos de bola para realizar o jogo.





*Vôlei Reduzido 3 x 3:* Organizar os participantes em trios para disputarem partidas curtas de 5 pontos. Após cada partida realizar o rodízio entre as equipes. A cada partida as equipes envolvidas escolhem com que bola irão jogar.

Ao longo da atividade relacionamos as práticas com os elementos críticos do Modelo Pedagógico.

Finalizamos com uma conversa para comentários e possíveis dúvidas.

**Material utilizado:** Bolas de Vôlei, Bolas do Ominikim, bolas do silver vôlei.







# Ampliando o vocabulário dos sentimentos

*Ariane Lozada e Regina Helena*

**INSTITUTO PASSE DE MÁGICA**

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Estamos em um processo de formação de educadores promovido pelo Instituto Barrichello (parceiro), que visa aprimorar a Comunicação Não Violenta (CNV), dentre as ferramentas utilizadas nesse processo, está a percepção e identificação das emoções e de onde elas surgem. Levamos em consideração a percepção que tivemos da garotada de 7 a 10 anos que apresenta dificuldade em identificar e nomear seus diferentes sentimentos nas diferentes situações.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Pautamos como meta no decorrer de um bimestre a ampliação do vocabulário das emoções por meio de brincadeiras e do próprio esporte no caso o basquetebol, lapidando algumas habilidades, como por exemplo: o drible e o arremesso, e nesta proposta os desafiamos a observar as emoções que permeavam em situações nos ambientes em que circulam. Dialogamos ao longo das abordagens sobre a origem dos sentimentos que decorrem de uma necessidade, seja ela atendida ou não. Os recursos utilizados foram: Papeletas com nomes de diversos sentimentos, cones, bolas, imagens e contextualizamos todas as ações.

Utilizamos como referência a metodologia de Marshall Rosenberg compartilhada conosco através da formação de CNV promovida pelo instituto parceiro, além do **Guia do Educador** (Desenvolvimento Humano por meio de Jogos e Brincadeiras para Uma Cultura de Paz- Instituto Barrichello).

## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Não tínhamos a dimensão de que o vocabulário de sentimentos da garotada era “pobre”, até que trouxemos o tema para as rodas de conversas a qual fazíamos perguntas de como estavam se sentindo ao início e ao final das atividades e as respostas eram sempre as mesmas (me sinto alegre, me sinto feliz e me sinto bem).

O resultado foi que após esse trabalho a garotada aprendeu novos significados de diferentes sentimentos, ampliou seu vocabulário de emoções conseguindo identificar o motivo que gerou tal emoção, além de melhorar as habilidades da modalidade basquetebol.

Acreditamos que demos o primeiro passo no aprendizado da Comunicação Não Violenta e que a partir desse conhecimento, seja possível que a garotada consiga estabelecer relações de paz com o outro por meio do diálogo. Partimos da observação dos fatos, identificação e necessidades dos sentimentos para que futuramente eles estejam aptos a fazerem um pedido e dar desfecho a um diálogo sadio.

### **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Tivemos como sucesso a interação da garotada com as brincadeiras e a curiosidade em saber o significado de determinados sentimentos, além de utilizarem outras nomenclaturas para os sentimentos que antes não faziam parte de seus vocabulários.

A maior dificuldade para nós educadoras foi a elaboração criativa de atividades que abordassem o tema. Devido ao curso em que estamos em processo contínuo de aprendizagem é possível aplicar essa metodologia independente da faixa etária e do esporte escolhido.





## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Teremos duas estações com atividades distintas que acontecerá simultaneamente, e dentro do tempo estipulado tentaremos garantir a vivência de todos os participantes voluntários.

Para o **caminho do amor** colocaremos diversos cones com identificação de sentimentos na qual a pessoa que percorrer o trajeto, deverá estar em posse de uma bola de basquete e realizar o drible fazendo zigue zague e a troca de bola para a outra mão ao passar pelos cones e fazer a leitura e identificação das emoções, deverá seguir tocando apenas os cones que remetam aos sentimentos que levam ao amor. Ao tocar em um sentimento que diverge ao amor o mesmo retornará a fila correspondente para uma nova oportunidade, caso o participante consiga chegar ao destino “AMOR”, realizaria um arremesso tendo a oportunidade de pontuar para sua equipe.

Já para o **decifrando o código**, colocaremos alguns cones com imagens que remetam aos sentimentos em um determinado local em que apenas um participante poderá ver onde e em que ordem estão dispostos, os demais participantes tentarão descobrir a ordem dos códigos de sentimentos percorrendo um trajeto e realizando drible com a bola de basquete em direção a tabela para o arremesso, caso o arremesso seja convertido, ganha-se o direito de decifrar o código posicionando um cone com palavras que se associem as imagens escondidas a frente dos cones do código secreto, sendo que esses códigos estão diretamente relacionados as emoções. O participante responsável em verificar se ambos os cones se contemplam, não poderá dar dicas e terá a função de mostrar que os cones se completam se estiverem posicionados no local correto. Ganha a equipe que decifrar todos os códigos de sentimentos primeiro.

Ao final das atividades faremos uma roda para contextualizar a vivência.

**Materiais utilizados:** cones, Imagens, bolas de basquete.







# O quê, por quê e pra quê? Resignificando a prática

*Richard Pinto e Elaine Ambrósio*

**INSTITUTO PASSE DE MÁGICA**

## **INTRODUÇÃO**

“Desenvolver a autonomia dos educandos para que eles saibam escolher e lidar com as consequências de suas escolhas é muito importante dentro do processo de formação do cidadão”. De fato ter essa autonomia é importante, mas como colocar em prática se eu não souber o que, por que e para que eu terei que escolher? Diante desse questionamento, decidimos partir com uma estratégia diferente para atingir nossos objetivos. Vamos viajar juntos nessa caminhada...

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

“Como vocês escolhem o que vão ensinar para nós durante as aulas? ”. Esse questionamento veio de um adolescente do Instituto Passe de Mágica, núcleo Tiro de Guerra Piracicaba e foi ele que deu origem a essa experiência.

Estávamos a iniciar um novo ano de trabalho e percebemos nos relatórios anteriores que a questão da autonomia no processo de escolhas dos educandos entre 12 e 17 anos (turmas 2 e 4) aparecera com frequência, principalmente voltada ao entendimento dos processos de desenvolvimento. Logo em seguida a referida pergunta nos foi feita e começamos a refletir sobre como poderíamos aproximar os educandos do processo de desenvolvimento das aulas e conteúdos semestrais para dar mais sentido às práticas do dia-a-dia, incentivando-os a observar e refletir sobre as demandas do grupo e relacioná-las às demandas da sociedade.



## RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA

Com o objetivo de desenvolver a autonomia em processos de escolhas, além de reconhecer essas escolhas, tivemos a ideia de compartilhar em aula alguns de nossos materiais de trabalho e desenvolvermos juntos as macro estratégias.

Num primeiro momento mostramos as macro estratégias do ano anterior explicando sua funcionalidade, finalidade e como ela costumava ser planejada e em seguida propusemos criar juntos a macro estratégia deste ano, pedindo que eles decidissem em conjunto o que gostariam de trabalhar baseando-se nas necessidades coletivas. Para facilitar, os grupos foram orientados a pensar nos conteúdos seguindo três linhas de raciocínio: desenvolvimento humano, técnico/tático e físico.

Após esse processo organizamos o conteúdo seguindo um caminho lógico e progressivo de aprendizagem, ou seja, os adolescentes precisaram refletir sobre o passo-a-passo de tudo que haviam identificado como demanda.

Explicamos que aquele seria um documento norteador e que nada impediria de o modificarmos de acordo com as demandas que poderiam surgir, isso fez com que durante todo o processo eles percebessem a necessidade de adaptação e/ou substituição, aguçando a percepção do outro e das demandas coletivas.

Acreditávamos que a partir daí, os educandos entenderiam melhor os objetivos desenvolvidos nos próximos meses e que as respostas aos questionamentos anteriores seriam resolvidas, porém, ao término do primeiro mês de aula, sentimos que faltava significado sobre a criação da macro estratégia e que a participação deles nesse processo estava diminuindo. Tivemos então a ideia de dividir cada turma em pequenos grupos e propusemos que cada grupo, em dias programados, se tornasse responsável por alguns momentos de aula. Percebemos então que as turmas de fato se apropriaram do que haviam planejado passando a se colocar de forma mais autônoma.



## COLHENDO APRENDIZAGENS

Após sete meses (início até o presente momento) sentimos grande evolução nas turmas. Os educandos que quase não se expunham verbalmente em aula, hoje se colocam de forma afirmativa, mesmo não estando em grupos com aqueles que encontram mais afinidade. Percebemos também que a apropriação deixou de ser apenas pelos materiais esportivos, mas também pelos instrumentos de trabalho, como o plano de aula, que antes do início das aulas sempre está nas mãos dos educandos de forma que possam visualizar os objetivos e garantir que as atividades realizadas por eles tenham relação com o que será proposto nos momentos da aula. As escolhas agora são feitas de forma pensada já que entendemos que cada escolha (decisão) gera uma consequência boa ou não tão boa. Podendo durante as aulas discutirmos sobre como essa autonomia pode ser usada em nossa vida além das telas do TG, mostrando para nós que, resignificar a prática para os educandos faz com que a relação “projeto/rua” seja fortalecida diariamente.





## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Durante o primeiro mês notamos que sempre os mesmos educandos se manifestavam nas rodas, diante disso alternamos os grupos mês a mês, de modo que eles estivessem sempre com pessoas diferentes. Conversamos em particular com aqueles que demonstram mais iniciativa, levando-os a refletir sobre como poderiam ajudar os demais nesse processo e concordamos que eles seriam incentivadores, estratégia que teve resultados positivos para os dois lados já que os com menos iniciativa passaram a se colocar de forma afirmativa e os que já tinham a característica, tiveram maior percepção do outro e quais suas reais necessidades.

Pensando em outros grupos, entendemos que quanto mais dávamos significado as práticas, mais conseguíamos atingir os objetivos individuais e coletivos. Passamos a utilizar uma variação dessa estratégia com as turmas de 6 a 11 anos. Recriamos a questão dos pequenos grupos, porém com essa faixa etária montamos os grupos nas aulas, de forma que não sejam grupos fixos e propomos que cada grupo elabore movimentos/atividades para a turma. Divulgamos os objetivos no início do mês e questionamos sobre eles durante as brincadeiras, trazendo resultados positivos, pois na primeira aula do mês pelo menos um educando pergunta sobre os objetivos e nas rodas comentam as necessidades percebidas dando abertura para grandes conversas em relação a percepção do outro.







# Hip Hop e empoderamento em jovens residentes em área de vulnerabilidade social

*Allan Michel De Andrade Maximiano, Camila Bianca*

*Kramer Bin, Carla Nascimento Luguetti*

**UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA**

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O desejo por compreender o potencial do Hip Hop enquanto ferramenta pedagógica de transformação social e individual, se dá na experiência pessoal de um dos professores desta experiência, que após três anos de prática de danças urbanas e em contato com a cultura do Hip Hop, notou o empoderamento e a grande consciência sobre injustiças sociais, presentes nos jovens deste meio. Deste modo, levantamos a hipótese de que o Hip Hop teria em si um grande potencial como conteúdo pedagógico capaz de construir espaços para o desenvolvimento do empoderamento de jovens, principalmente os residentes em áreas de vulnerabilidade social, funcionando também, como um meio de luta social em busca da equidade, para esta juventude. Buscando metodologias capazes de conduzirem tal transformação, encontramos a pesquisa ação participante, que tem a premissa de que indivíduos marginalizados podem transformar sua realidade através da ação e reflexão crítica, o que justificou nossa escolha por esta metodologia.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Realizamos uma intervenção baseada na pesquisa ação participante, tendo como metodologia uma abordagem centrada no aluno chamada Student-Centered Inquiry as Curriculum Approach (OLIVER e OESTERREICH, 2013), que considera o aluno como o centro do processo ensino-aprendizagem, situando o ato de ensinar em seu contexto histórico-social, trazendo grande significância e transferência do conteúdo estudado para

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O desejo por compreender o potencial do Hip Hop enquanto ferramenta pedagógica de transformação social e individual, se dá na experiência pessoal de um dos professores desta experiência, que após três anos de prática de danças urbanas e em contato com a cultura do Hip Hop, notou o empoderamento e a grande consciência sobre injustiças sociais, presentes nos jovens deste meio. Deste modo, levantamos a hipótese de que o Hip Hop teria em si um grande potencial como conteúdo pedagógico capaz de construir espaços para o desenvolvimento do empoderamento de jovens, principalmente os residentes em áreas de vulnerabilidade social, funcionando também, como um meio de luta social em busca da equidade, para esta juventude. Buscando metodologias capazes de conduzir tal transformação, encontramos a pesquisa ação participante, que tem a premissa de que indivíduos marginalizados podem transformar sua realidade através da ação e reflexão crítica, o que justificou nossa escolha por esta metodologia.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Realizamos uma intervenção baseada na pesquisa ação participante, tendo como metodologia uma abordagem centrada no aluno chamada Student-Centered Inquiry as Curriculum Approach (OLIVER e OESTERREICH, 2013), que considera o aluno como o centro do processo ensino-aprendizagem, situando o ato de ensinar em seu contexto histórico-social, trazendo grande significância e transferência do conteúdo estudado para além do conhecimento abstrato, fornecendo ao aluno ferramentas para que possa transformar sua realidade (CAMAROTA e FINE, 2008). Esta experiência aconteceu na associação de moradores do bairro Jardim Quietude, em Praia Grande, São Paulo. Durante três meses, em duas aulas por semana, que ao longo do tempo se tornaram quatro devido à necessidade dos jovens para construção do seu projeto ativista, totalizando 40 aulas, com duração de três horas. As aulas se dividiam entre parte lúdica, com objetivo de facilitar a sociabilização dos alunos. O segundo momento focado no ensino e desenvolvimento das vertentes do Hip Hop e um momento final, sendo este o da roda de conversa, onde os jovens selecionam temas que gostariam de discutir. Participaram desta experiência 19 jovens com idades entre 9 e 21 anos.



## COLHENDO APRENDIZAGENS

Foram coletados dados por múltiplas fontes, sendo estas: a) Diário de campo observadora; b) Diário de campo do graduando; c) Gravações de conversas com os alunos; d) Gravação das reuniões com a orientadora; e) Material produzido pelos jovens. A análise dos dados foi realizada através da comparação múltipla e análise indutiva (LINCOLN; GUBA, 1985). Os dados foram organizados em registros gerenciáveis e acessíveis. Deste modo, as categorias para análise foram obtidas de modo indutivo e os dados foram revisados para então estabelecer os temas por triangulação das fontes, gerando assim, dados de confiabilidade. Estes dados foram interpretados pelos três participantes (dois graduandos do curso FEFESP, da universidade Santa Cecília e a professora especialista no modelo de ensino ativista).

O processo se deu em duas fases, sendo a primeira com o objetivo de conhecer os jovens. Desta forma identificamos na primeira fase a necessidade da ética do cuidado, sendo a forma com que o professor deveria lidar com os alunos, descrita por eles pela amizade, compreensão, gentileza, atenção que o professor deveria dar aos alunos. Observamos também a importância da atenção à comunidade. Inicialmente nosso objetivo era discutir apenas injustiças étnico-raciais, porém ao longo do tempo, compreendemos a necessidade de dar atenção a outros problemas que estes relatavam no seu bairro, como o preconceito que considerava o Hip Hop como cultura de uma juventude delinquente, racismo, preconceito com religiões de matriz africana, LGBTfobia, tráfico de drogas, violência e a falta de oportunidades. Identificamos ainda nesta fase, a necessidade da construção de um ambiente familiar, acolhedor, protetor e de apoio as inseguranças e a diversidade destes alunos, do qual estes se referiam quando expressavam suas necessidades de afetividade entre si.

Durante a segunda fase, sendo o momento ativista, os jovens construíram uma página no Facebook chamada “Projeto RH2 – Recriando o Hip Hop” (<https://www.facebook.com/RecriandoOHipHop/>), para lidar com a falta de informação e organizaram um evento de hip hop, onde eles apresentaram (aos seus familiares e amigos) coreografias, poesias e grafites, para combater injustiças sociais como o machismo, racismo e o preconceito que existe que





considera o hip hop como cultura delinquente. Nesta fase identificamos uma melhora da comunicação de forma qualitativa, através da superação das dificuldades dos alunos de expressarem suas ideias nas rodas de conversa.

Muitos jovens que se mostravam silenciosos nestas dinâmicas no início do projeto, neste momento já se mostravam bem mais comunicativos. Um resultado ligado a comunicação destes jovens, foi a forma com que apresentaram a melhora da sua consciência, sobre como se articulavam diferentes injustiças sociais. Ao chegar no projeto, os jovens já apresentavam uma profunda compreensão sobre os problemas sociais que enfrentavam, porém, com a troca de experiências, passaram a compreender também injustiças que não os afetavam diretamente, mas sim outros alunos, como por exemplo, os meninos a compreenderem como o machismo funciona através da voz das meninas.

Outro resultado que observamos, foi a aquisição de uma postura mais empoderada, que se exemplifica na experiência de uma das alunas, que conseguiu pela primeira vez expor publicamente o abuso sexual que sofreu, que ao longo da experiência se tornou o desejo de ajudar outras pessoas a superarem este sofrimento, através da construção de uma poesia, que a mesma expôs no dia do evento aos amigos e familiares. Este grupo de jovens também apresentou uma melhora de sua autonomia, à medida que a construção de tudo que foi exposto neste evento, dependeu do seu engajamento para acontecer. Este resultado foi visível no episódio em que os alunos solicitaram que ficassem sozinhos na sala onde estávamos construindo a coreografia para apresentação, para que daquele momento em diante, fosse surpresa até para o professor, apresentando desta forma, autonomia para construir sua própria apresentação, sem dependência do auxílio do professor.

Ao longo deste processo de construções coletivas e grande exercício do diálogo, este grupo também apresentou uma melhora da sua sociabilização, ao modo com que alguns alunos relataram terem superado sua timidez e suas dificuldades em lidar com o grupo, expressando também ao final do processo uma valorização da afetividade.



## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Concluimos diante disto que o hip hop ensinado de maneira ativista, pode criar espaços para o empoderamento em jovens residentes de áreas em vulnerabilidade social, fornecendo ferramentas intelectuais, artísticas e comportamentais para transformação da sociedade.

Todo o processo se mostrou desafiador, desde adotar uma pedagogia centrada no aluno, tirando da zona de conforto qualquer professor habituado com a linearidade de ensino. Este desafio por exemplo, foi superado pela constante reflexão sobre as aulas, individualmente pelo professor, com a observadora, e principalmente nas reuniões com a orientadora. Ao longo de toda a experiência surgiram muitos outros desafios, talvez mais específicos de se estar construindo um modelo de ensino de hip hop, mas acreditamos que todo o processo apresenta resultados específicos tanto para o ensino do hip hop, quanto para o a educação de forma mais ampla.





## COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA

Na parte em que compartilharemos a prática pedagógica, pretendemos utilizar os materiais produzidos pelos alunos durante esse processo para discutir com os participantes do workshop. Não acreditamos que haverá limite para o número de participantes. Contaremos ainda com a participação da professora especialista no modelo e orientadora do trabalho que discutirá uma segunda parte sobre os desafios enfrentados durante o processo.

## REFERÊNCIAS

CAMMAROTA, J; FINE, M. **REVOLUTIONIZING EDUCATION**. New York: Routledge, 2008.

LINCOLN, Y. S; GUBA, E. (1985). **Naturalistic Inquiry**. Newbury Park, CA: Sage Publications.

OLIVER, L. O; OSTERREICH, H. A. **Student-centred inquiry as curriculum as a model for field-based teacher education**. Journal of Curriculum Studies. Routledge. 2013.





# Exercício de fundamentação técnica no basquete

*Bruno Nahuili Bressan*

APCEF/PR (Associação de Funcionários  
da CAIXA - Curitiba-PR)

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Durante os primeiros anos ensinando basquete no clube da APCEF/PR com um grupo misto (entre adolescentes, adultos e másters), me utilizei de exercícios a muito tempo desenvolvidos (históricos), fui percebendo a importância de fundamentos técnicos específicos os quais não eram especificamente e nem amplamente abordados nem nesses exercícios históricos e nem em variações mais atuais desses.

Também, por meio do meu curso de Licenciatura em Educação Física, tive diferentes práticas como professor estagiário em escolas para crianças de 10 a 17 anos, e também na universidade como técnico das equipes universitárias trabalhei com jovens de 18 a 26 anos, onde também tive contato com um texto sobre técnicas corporais (\*AS TÉCNICAS CORPORAIS, Marcel Mauss) que me levaram a compreender a relevância do domínio da técnica não só para o desempenho na modalidade, mas para a satisfação decorrente em dominar os objetos (do esporte, a bola) e principalmente o domínio do próprio corpo, bem como a identificação social facilitada decorrente dessa confiança no uso do seu primeiro instrumento, o corpo, que possibilita ao indivíduo se sentir pertencente em qualquer grupo ou ambiente que envolva o dado esporte.

Sempre acreditei que seria possível sintetizar cada uma das principais técnicas da modalidade em alguns poucos exercícios, e que fossem simples de EXECUTAR, ENSINAR E CORRIGIR, e dessa forma possibilitasse ao professor e aos praticantes COMPREENDER o porquê e as vantagens de se fazer daquela forma técnica específica. Percebi rápido a

forma técnica específica. Percebi rápido a importância de terem que ser exercícios agradáveis de se praticar, e para isso esses exercícios deveriam envolver o maior número de fundamentos simultaneamente (ou sequencialmente), pois assim além de se tornar agradável a realização e repetição, o mesmo se tornaria também mais eficiente, pois simultaneamente ensinaria diversos fundamentos.

Em função da simplicidade de se fundamentar a técnica, esses exercícios poderiam ser utilizados por qualquer grupo de participantes envolvidos (crianças, jovens e adultos), (iniciantes ou já praticantes), bastando para isso modificar o rigor da cobrança na velocidade e acertos na execução.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Meu objetivo final é sistematizar em um pequeno conjunto de exercícios, todos (senão a grande maioria) dos fundamentos técnicos necessários a um praticante realizar com destreza os fundamentos técnicos do esporte. Podendo ser utilizado por grupos iniciantes ou que já possuam determinado domínio do esporte.

Outro objetivo é que a partir dessa padronização seria muito simples avaliar e corrigir a atuação de um técnico ou professor, pois bastaria observar esse profissional aplicando os determinados exercícios a um dado grupo. E isso possibilitasse a difusão do ensino técnico do esporte.

O *insight* sobre um primeiro exercício se deu em uma dinâmica onde o praticante vem driblando a bola e ao chegar em um cone próximo a cesta ele devia fazer uma finta driblando e trocando de mão (inversão) e na sequência cortar o cone colocando o “pé e a bola” no chão e segurar a bola para realizar os passos da bandeja. Ficou muito claro para mim que dando ênfase em algumas etapas, seria muito simples ensinar qualquer praticante em compreender e executar a forma técnica correta do corte e das passadas corretas da bandeja tanto pela direita como pela esquerda (basta alternar o lado que realiza o corte).

Não houve sobre meu trabalho cobranças de prazo ou de resultados. No entanto após esse primeiro “insight”, fui aos poucos criando, reunindo e adaptando partes de outros exercícios que me pareciam interessantes e adequados ao meu objetivo e ideia de simplicidade na execução, no ensino, na correção e no entendimento.



Essa ideia de padronização de exercícios venho trabalhando e aperfeiçoando nos últimos 8 anos nos seguintes locais:

- 2010 a 2017 \_ no clube da APCEF (numa “Escola de Fundamentos” com crianças de 7 a 17 anos (incluindo a participação de pais e/ou mães destes alunos), equipe adulta com participantes de diferentes níveis técnicos e físicos de 17 a 54 anos)

- 2015 a 2017 na universidade com equipe universitária masculino e feminino (ambos com atletas com os mais variados níveis técnicos e físicos de 18 a 29 anos)

- 2015 e 2016 \_ em escolas nos estágios obrigatórios e optativos do curso de Educação Física da UFPR.

- 2013 a 2014 e 2017 na cidade de Campo Largo, onde meu pai é técnico e treinador e trabalhei junto com ele com o adulto masculino e nas escolinhas de 7 a 17 anos.

Nestes locais fui reunindo, testando e melhorando exercícios para fundamentos que considerava/considero mais importantes para o aprendizado e entendimento do esporte.

1º) Drible

2º) Recepção

3º) Finalização

4º) - Espaço e Leitura

Sempre procurei utilizar materiais de uso comum, cones (ou cadeiras, ou baldes), bolas (mesmo que de diferentes marcas e tamanhos), e ultimamente também tenho utilizado uma bola de pilates (~ 45cm, ou uma bola dessas comuns que se encontra em casas de produtos de praia) para trabalhar a carga durante o drible e também após o corte e passada para a bandeja.

Praticamente meu trabalho surgiu da prática como treinador e da minha interpretação (como ex-atleta, e ainda como atleta amador), do meu ponto de vista da importância do aprendizado da técnica para ter autonomia no esporte (inclusive da importância de técnicas corporais para a vida do indivíduo em sociedade) e principalmente do meu desejo e sonho em desenvolver algo



simples, porém eficiente para ensino de técnicas do basquete, que é um esporte que sou apaixonado. Assim, cito o texto sobre AS TÉCNICAS CORPORAIS\* do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss (1872 - 1950), Sociologia e Antropologia Volume II / Edusp/1974,

\* extraído do Journal de Psychologie, XXXII, n.os 3-4, 15 de março - 15 de abril de 1936. Comunicação apresentada à Société de Psychologie em 17 de maio de 1934.

## COLHENDO APRENDIZAGENS

No início eu tinha apenas uma ideia de que seria possível reunir um conjunto de exercícios que abrangessem todos os fundamentos técnicos do basquete, no entanto vamos apresentar um deles que já está praticamente finalizado, e em breve concluir outros dois que estão em vias de serem finalizados. Ainda faltam algumas técnicas a serem abordadas, mas em breve irei desenvolver exercícios tendo elas como base.

Após alguns anos, avançamos do simples “corte e bandeja” á seguinte sequência de execuções que caracterizam um exercício idealizado anos antes:

- 1) **Drible** – balanceio ampliado da bola em frente ao cone
- 2) **Finta** - a “INVERSÃO” de mão com um drible em frente ao cone.
- 3) **Corte** - com firmeza, se impulsionando e dando as costas para o adversário/cone.
- 4) **Proteção da bola** com o corpo – ao colocar o “PÉ E BOLA” no chão ao cortar o adversário/cone.
- 5) **Carga no adversário** – usando a firmeza do pé de apoio e no momento correto.
- 6) **Iniciar a passada da bandeja** - segurar a bola após o “PÉ E BOLA” e dar dois passos para a bandeja
- 7) **Variações de finalização** - na velocidade, na forma de finalização e na leitura sobre qual a melhor decisão a se tomar.





Nesse procedimento, fica extremamente simples ensinar, compreender, executar e corrigir diretamente seis ou mais fundamentos importantíssimos deste esporte, além de desenvolver também capacidades como **Balanceio (do corpo e da bola)**, **Ritmo**, **Base**, **equilíbrio**. E com pequenas variações na forma de execução, também possibilitam o ensino do *jump*, sobrepasso, finta de arremesso, gancho e reverso na bandeja, bandeja em dois tempos e execução destes com realização de uma carga com a bola pequena de pilates.

É importante ressaltar que dada sua simplicidade, esse exercício é excelente para se praticar sozinho, pois instiga o aluno que quer se desenvolver mais rapidamente na modalidade.

### **Resultados:**

Praticas com crianças, adolescentes e adultos e até com masters, me mostraram que o exercício já concluído funciona para ensinar e fundamentar qualquer faixa etária, e também diferentes níveis de técnica já adquirida, pois pela cobrança na intensidade e/ou correta execução, pode-se aperfeiçoar os que já sabem ou ensinar quem pouco ou nenhum contato teve com o esporte.

O interesse e o entendimento dos alunos sobre os “porquês” realizar daquela forma é mais eficiente, é um grande indicativo de que o método funciona bem. Também houveram títulos estaduais das equipes universitárias masculina e feminina da UFPR, e também casos particulares de crianças, universitários e másters que tiveram um desenvolvimento técnico desproporcional no domínio dessas técnicas e evoluíram muito seu jogo (obs: sempre os mais dedicados).

Percebi também que algumas das crianças que nunca tinham efetivamente jogado o jogo (5x5), tiveram uma enorme facilidade em jogar, pois ao meu ver o domínio das técnicas do drible, recepção, corte e bandeja, os liberava para realizar outras tarefas necessárias durante o jogo (tal como posicionamento, sincronia, antecipação,...).



## **Relevância para instituição/público alvo:**

Para a universidade foi a primeira vez que uma modalidade coletiva foi campeã no masculino e feminino numa mesma edição dos jogos Universitários Paranaense.

Para o clube que trabalho, não há uma avaliação ou cobrança de desempenho, pois pelo número reduzido e variedade de idade ainda não conseguimos montar uma equipe para “medir” um desempenho. Mas para as crianças que participam há diversos relatos de satisfação e desempenho lá mesmo e em demais locais que praticam (escola, nas praças ou em casa com os familiares).

## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Atualmente acredito que a sistematização de exercícios (um pequeno conjunto deles) seja fundamental para dar condições de professores ou técnicos ensinarem o esporte de forma técnica e com interesse dos participantes, e assim todos aproveitarem dos benefícios sociais, psicológicos e físicos decorrente destes.

Pela minha paixão pelo basquete, me propus a desenvolver esse conjunto de exercícios, mesmo sabendo da dificuldade em sistematizar grande parte ou todos os fundamentos para se ensinar o esporte.

Durante o desenvolvimento do exercício apresentado, a maior dificuldade foi reunir diversos fundamentos num mesmo exercício simples. No entanto há alguns fundamentos (como leitura de espaço, sincronia, lançamentos, rebotes) que necessitam ou de exercícios específicos ou de muita elaboração para serem reunidos em uma ou duas sequencias de execução.

Abaixo segue a estrutura que acredito e sigo para elaboração e aplicação dessa sistematização:



## **Propostas orientadoras para o desenvolvimento:**

1- Definir e identificar quais fundamentos devem fazer parte da sistematização.

2- Identificar quais fundamentos podem ser reunidos e sequenciados num mesmo exercício.

3- Sempre buscar simplicidade em todas as etapas.

4- Identificar os “INDICATIVOS” que une diferentes fundamentos dentro de um mesmo exercício.

5- Sempre se preocupar com o exercício ser agradável de se praticar (e de se repetir).

6- Devem possibilitar a prática por diferentes grupos\*, alterando apenas a intensidade na cobrança da execução.

\*(idade, técnicas prévias, condições sociais)

## **Objetivos práticos:**

1- Aprendizado efetivo da técnica (pelo aluno).

2- Simplicidade em realizar o exercício (pelo aluno).

3- Entendimento do porquê se fazer dessa forma (pelo aluno).

4- Simplicidade em corrigir (pelo professor). “INDICATIVOS”

Com os exercícios que venho desenvolvendo, acredito ter conseguido unir todos esses objetivos e propostas em cada um dos exercícios que proponho, no entanto ainda falta aprimorar dois já existentes, e desenvolver outros exercícios para se abranger todos os fundamentos essenciais ao aprendizado desse esporte.

Sinto uma grande dificuldade em encontrar pessoas interessadas em ajudar a desenvolver e melhorar o atual conjunto de exercícios que já desenvolvi.



## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Inicialmente numa roda de conversa, explicar alguns detalhes sobre a proposta da atividade e objetivos dos exercícios. Para simplificar a explicação e execução no tempo disponibilizado, seria interessante ter de 8 a 10 participantes. (Obs: mas pode ser realizado com até 20 ou mais participantes).

Distribuindo os cones de forma espaçada e alinhada sobre a linha de 3 pontos cada aluno com uma bola deve se posicionar bem próximo a um desses cones e realizar o exercício conforme irei explicando e demonstrando.

Depois de realizar todas as fases do exercício e chegar a fase de “CORTE E RETORNA á posição”, irão realizar essa mesma fase porem sem o retorno, ou seja cortando e indo até o próximo cone. Iniciando a partir de uma fila única na lateral do fundo da quadra até o ultimo cone sobre a linha de três pontos, devem seguir até um cone próximo a cesta e realizar a INVERSÃO e o corte com “PÉ E BOLA” e realizar a badeja.

E por fim, com dois cones em cada lado da meia quadra (um sobre a linha de três pontos e outro próximo a cesta), eles devem realizar o exercício sobre o primeiro cone devem seguir até um cone próximo a cesta e realizar a INVERSÃO e o corte com “PÉ E BOLA” e realizar a badeja.

Se houver tempo, incrementar o exercício de finalização substituindo a bandeja por arremesso, sobrepasso e gancho, todos com e sem carga (utilizando uma bola pequena de pilates).

Para finalizar, questionar os participantes sobre dificuldades e facilidades na realização da atividade e também questioná-los sobre as condições deles próprios aplicarem o exercício em seus locais de trabalho.







# Futebol sem bola

## inclusivo para adolescentes e jovens

*Josiane Espinosa*

**FUNDAÇÃO GOL DE LETRA**

### **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O grande desafio de qualquer jogo é o trabalho em equipe e integração, ainda mais na escola, onde meninas e meninos jogam separados, temos um grande número de alunos e o público alvo são adolescentes. Pensando nisso, realizamos um jogo divertido, que chame a atenção, e possibilite a experiência do jogo real. Afinal, em um jogo de futebol o grande alvo é fazer o gol e para isso temos que enfrentar o adversário e trabalhar em equipe. Quando o aluno está exposto a uma situação real de jogo, ele aprende mais em razão de ter segurança sobre a situação vivida no jogo, e o grande diferencial é o aluno entender seu comportamento e de seus colegas no jogo e suas posições, pois suas ações dependem deste autoconhecimento e do compartilhamento deste conhecimento com outros jogadores, deixando todos no mesmo nível de entendimento, principalmente as meninas que às vezes se sentem inseguras, por não conhecer esta dinâmica, o que as aproxima dos meninos, formando uma equipe, pois as meninas se afastam mais não conhecem, em relação aos meninos, principalmente na adolescência.

### **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Iniciamos com uma roda de conversa com os educandos, envolvendo os alunos na busca do trabalho em equipe e de se integrar aos seus colegas, utilizando o jogo de futebol misto e diversificado.

Perguntas utilizadas: Qual o maior desafio de um jogo de futebol?; Quais são as dificuldades enfrentadas?; O que é necessário para jogar futebol?; Qual é a sua postura quando se depara com a dificuldade do colega?

**Prática do jogo:** Divide-se os alunos em dois times. O objetivo é sair do seu campo, percorrer todo o campo adversário e chegar até o "gol" deste. Assim marca-se um ponto para sua equipe. Porém, para isso, não poderá ser tocado por um adversário no campo dele. Caso isso ocorra, este jogador deverá permanecer parado no local que o tocaram até que um companheiro o "salve", também o tocando. Quando é marcado um ponto, todos os jogadores voltam aos seus campos e reiniciam a partida. Esse jogo propicia que todos participem muito ativamente; o jogo é tão dinâmico que podem ocorrer um ou mais gols ao mesmo tempo em ambas goleiras.

**Roda de conversa final:** Consiste em dividir com o grupo a vivência da atividade, apontando as dificuldades, o que podem melhorar, expondo suas ideias e sentimentos.

## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Os jogos tiram aquela sensação de cobrança de uma partida oficial, e no caso dos adolescentes ajuda em sua autoestima, por permitir se reconhecer na atividade e ser parte integrante de um grupo, ao invés de se separar dele. Os resultados obtidos foi organizar a atividade da equipe, em um jogo misto em um processo de médio prazo, que auxiliou no entendimento dos sistemas utilizados, onde todos tiveram a mesma oportunidade. Com isso os adolescentes se sentem mais confiantes e participam mais quando se reconhecem no ambiente, não sendo expostos à cobrança quando não foram estimulados, o que causa insegurança, bem nesta fase na qual a percepção do outro conta muito. Por isso para nossa instituição, é muito importante estimular nossos educandos a se sentirem seguros, preparando o ambiente para que se sintam agentes multiplicadores e transformadores da cidadania.





## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

O sucesso desta atividade foi a diversão, interação e entendimento da estratégia do jogo, pois só pode chegar ao objetivo final, se realizarem o trabalho em equipe, o que faz com que um aluno de pouca habilidade com a bola, se aproxime mais, vivenciando uma situação real de jogo, pois na maioria das vezes eles se cobram muito, o que faz alguns alunos desistirem da atividade por que errou um gol ou uma cobrança de falta. A maior dificuldade foi em desempenhar as regras, pois alguns alunos preferiam trabalhar sozinhos, na maioria das vezes, então tivemos que organizar os times de maneira equilibrada para que todos pudessem ter oportunidade e o jogo ficasse disputado, sendo que a única maneira de vencer era criar sua própria estratégia. Outra dificuldade que tivemos foi a participação das meninas, pois os meninos não compartilhavam as posições estratégicas para as meninas alcançarem o gol, então dividimos por posições, deixando a frente, para que elas pudessem ter a mesma chance de gol. Na roda de conversa final, colocamos esse pontos, para que refletissem, chegando ao consenso que todos podem errar, como acertar, o importante é todos terem essa responsabilidade, para que possam aprender a lidar com as diferentes situações. Esse jogo pode ser feito para grupos etários a partir dos 12 anos de idade.

## **COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Os benefícios desta prática foi oportunizar meninas e meninos a jogarem juntos, e os menos habilidosos, entendendo que não há diferença, quando se conhece o jogo e suas estratégias, pois a falta de conhecimento faz com que a exposição dos erros afaste os alunos da prática, principalmente as meninas que têm pouco estímulo nesta modalidade. O sucesso da atividade foi tirar um pouco deste peso do jogo oficial, trazendo a brincadeira para oportunizar uma vivência mais simplificada, mas que remete ao jogo e suas regras.







# Discutindo a ética no esporte como preparação para um torneio de vôlei adulto em ambiente de lazer

*Carina da Silva de Lara Sarruge*

**SESC**

## **INTRODUÇÃO**

O debate em relação à ética é cada vez mais emergente, visto que situações polêmicas estão amplamente expostas nas redes sociais e valores como justiça, solidariedade, respeito e diálogo estão evidenciadas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) defendem a importância da formação ética das novas gerações, situando-a no contexto das diversas influências que a sociedade exerce sobre o desenvolvimento das crianças.

No entanto, restringir o assunto para o contexto escolar, não favorece uma sociedade entrosada, pois é um tema que precisa ser refletido constantemente. E como possuem muitos adultos envolvidos na prática esportiva, será que o esporte não favorece essa reflexão?

Com esse questionamento será apresentado na sequência, uma experiência acerca desse tema que aconteceu em um grupo de adultos que treinam voleibol duas vezes por semana.

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

A experiência de discutir ética no esporte deu-se numa instituição que tem como premissa a educação não formal, por meio do esporte e de todas as outras suas atividades



envolvidas. A intervenção ocorreu numa turma mista (homens e mulheres) de voleibol adulto em contexto de lazer com parte da preparação de um torneio interno. Esse grupo de 30 pessoas faz aulas de voleibol no seu tempo de lazer e possui participantes de 16 a 54 anos.

No ano anterior a essa prática, o decorrer do mesmo torneio expôs situações as quais evidenciaram uma competitividade exacerbada, nas quais atitudes éticas, de justiça e de fair play (jogo justo) por muitas vezes não foram observadas, como colocar culpa na arbitragem em caso de derrota, deixar um jogador na reserva sem jogar para vencer um jogo, descontrole emocional com brigas em quadra, tentativa de ludibriar a arbitragem acenando, por exemplo, que a bola não tocou na mão no bloqueio antes de sair.

Uma hipótese dessa carência de condutas éticas por parte dos alunos poderia ser a falta de discussão sobre esses temas, já que após o período escolar há um distanciamento desse tipo de reflexão.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Diante do exposto, presente relato teve como objetivo proporcionar aos alunos uma oportunidade de refletir e discutir questões éticas no esporte a fim de despertar e estimular para um novo olhar, mais crítico e humano em relação à temática.

Foram organizados então doze vídeos numerados para serem projetados, os quais mostravam situações polêmicas, de fair play e da falta dele. Eles foram apresentados em forma de jogo: um aluno rodava uma roleta e o número de parasse seria mostrado o vídeo correspondente. Uma pergunta para esse aluno iniciava uma discussão, esse tentaria responder e passava a vez para outro que ele indicasse e assim por diante até que o assunto se esgotasse. O professor interfere sempre que achar necessário.

O professor teve o papel de criar discussão com perguntas que estimulassem a reflexão. Para isso, para cada vídeo, foram preparadas várias questões, mas poderiam surgir outras durante o debate. Como por exemplo, no



vídeo o qual um jogador ao devolver uma bola para a outra equipe após uma lesão, fez o gol sem querer. Sua equipe para retribuir, na saída de bola ficaram todos parados para que o time pudesse fazer seu gol e assim desfazer a injustiça.

Nesse caso, as perguntas foram: Você faria o mesmo? É regra o time devolver a bola após uma lesão? Por que esse time fez isso? É mais fácil ter essa atitude num jogo individual ou coletivo? Em que situações no voleibol vocês poderiam ter atitudes semelhantes?

A atividade durou cerca de 40 minutos, mas não deu tempo de ver todos os vídeos. Isso aconteceu devido a discussão ter sido entusiasta e, portanto, prolongou-se mais em alguns vídeos específicos.

### **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Apesar de notar alguns alunos com resistência em se colocar no lugar do outro, de enxergar dois lados da situação ou presumirem que a arbitragem é a única responsável pelas decisões no jogo, considerei que ao menos eles iriam para casa pensativos e mais atentos para as situações que ocorressem nos jogos. Eles elogiaram a dinâmica e relataram que poucas vezes pensaram sobre as situações postas.

O torneio de voleibol, evento que culminava após essa e outras intervenções, teve um índice muito menor de problemas com a arbitragem e o rodízio de jogadores em quadra foi maior quando comparado com o torneio em ano anterior.

Mais que resultar num evento mais calmo e respeitoso, ouvir as opiniões dos alunos foi importante para poder melhorar a prática pedagógica posterior, nas aulas do dia a dia, já que a partir do conhecimento da opinião dos alunos, foi possível propor intervenções rotineiras.



## REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA

A experiência mostrou que apesar de trazer alguns efeitos imediatos como um melhor andamento do torneio, os resultados devem vir a longo prazo, á que não é de uma hora para outra que as pessoas mudam pensamentos e atitudes, devendo o professor ser mediador desse processo constantemente.

Desde então, nas aulas, sempre que acontece algum lance no jogo ou alguma atitude que pode ser refletida em conjunto, para-se a aula ou retoma-se o assunto no início da posterior para falar do ocorrido recorrendo-se a uma roda de conversa.

No início, os alunos estranharam muito, pois é incomum turmas de adultos pararem para fazer reflexões. Sempre impacientes, relatavam que queriam fazer a aula logo e jogar, então era explicado que dialogar fazia parte da aula.

Quase um ano depois, ao iniciar a aula, os alunos já perguntam se naquele dia haverá conversa, mostrando que já está incorporado esse novo procedimento. Ou então, quando digo que haverá esse diálogo, alguém diz: eu já sabia, sinalizando deve ter acontecido alguma coisa na aula anterior que mereceu uma reflexão.



## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Plano de aula:

Quantidade de pessoas: 5 a 30

Local: Local para projetar vídeo (sala ou quadra)

Recursos materiais: *notebook*, projetor multimídia, caixa de som e uma roleta

Parte Inicial (5 minutos): Breve apresentação das pessoas e explanação sobre como será a dinâmica

Parte Principal (20 minutos) Jogo da roleta: Ao rodar a roleta o aluno sorteia um determinado número correspondente a um vídeo. O vídeo é mostrado então o professor começa com uma pergunta para o aluno que rodou iniciando uma discussão, esse responde ou passa a vez para outro que ele indicasse e assim por diante até que o assunto se esgotasse. O professor interfere com mais questionamentos sempre que achar necessário.

A roleta pode ser substituída por um dado ou por papéis com números.

A ideia de trazer a roleta é para iniciar uma discussão lúdica, a partir de um jogo, mas a mesma atividade pode ser feita sem esse elemento.

Parte Final: Conversa com os participantes para discutir as possibilidades dessa estratégia para outras faixas etária e em outros contextos como o escolar e entrega dos vídeos para os participantes em dvd.





## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais** : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

Houve falta de FAIR PLAY nessa luta ? Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=pavEUvb8tg8&t=7s> > Acesso em 20 dez 2017.

Malandragem no Futebol Americano . Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=jADs8Lyik1k>> Acesso em 20 dez 2017.

Cena contestada. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=11&v=1aiRtyrNLws](https://www.youtube.com/watch?time_continue=11&v=1aiRtyrNLws)> Acesso em 20 dez 2017.





# ”Sport Education”

## na formação de jovens mediadores esportivos

*Marcos Vinicius Moura e Silva*

**PRODHE/CEPEUSP**

### **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Há 4 anos o PRODHE - Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte - desenvolve um projeto de Formação de Jovens Mediadores no Esporte para adolescentes de 14 a 18 anos. A proposta visa prepará-los para atuarem na organização de eventos esportivos e, principalmente, na mediação de situações esportivas junto a crianças, adolescentes e adultos. Os jovens participam de encontros de formação quinzenais (de abril a dezembro, 15 encontros ao longo do ano) e de atuações (mínimo de 6). Essas últimas ocorrem em eventos organizados pelo PRODHE e por parceiros, como membros da REMS – Rede Esporte pela Mudança Social.

Um desafio tem sido preparar esses jovens de forma prática para que a atuação seja mais rica e efetiva tanto para o mediador como para o desenvolvimento esportivo dos participantes dos eventos. Torna-se necessário aproximar os jovens o máximo possível da situação real para que entendam a dinâmica, as funções e os papéis de cada um na potencialização do evento.

### **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Com a finalidade de preparar os jovens para atuarem na XVIII OLIPET – Olimpíadas do Projeto Esporte Talento -, em torneios para adolescentes de 13 a 16 anos, planejou-se 5 encontros de formação com a utilização parcial da metodologia “Sport Education”, criada pelo professor americano Daryl Siedentop.



O modelo foi utilizado ao longo de aproximadamente 13 horas, representando 30% da carga horária da formação dos jovens mediadores. A quantidade de horas foi razoável para o modelo, cujo autor apregoa a referência de 20 horas para um bom desenvolvimento. No entanto, isso refere-se a aulas de 1 hora ao longo de 20 encontros.

Propôs-se ao grupo de 25 jovens a realização de um torneio entre eles para compreenderem melhor a dinâmica da Olipet e a função do mediador. O primeiro momento iniciou-se com a formação de 3 equipes: os jovens definiram alguns critérios para “equilibrar” os times e propuseram uma autoavaliação nas 5 modalidades esportivas. A partir dessa autoavaliação formaram-se as equipes com 8 ou 9 jogadores e cada uma escolheu o nome das equipes: Ben9, Velux e Ômega.

Em 3 encontros os jovens jogaram por dia 2 modalidades previstas para a Olipet. Duas equipes jogavam e uma fazia as funções existentes, além da de jogador: mediador esportivo, mesário, técnico das equipes e coordenador. A partir do regulamento cada um seguia os referenciais para sua atuação e a relação com as demais funções.

Em cada modalidade todos jogavam contra todos e a equipe de fora exercia os papéis. Após cada modalidade fazia-se uma breve avaliação e observações para aprimorar as funções e relações.

Em um encontro os jovens participaram da finalização da construção coletiva das regras da Olipet, em conjunto com os educadores das instituições participantes e a partir de sugestões coletadas junto aos adolescentes que jogariam na Olipet. Dessa forma, os mediadores apropriaram-se tanto da concepção do evento como de seu conteúdo.

## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

A metodologia em si não é complexa de ser aplicada, pois é muito prática. Mas o desafio foi utilizá-la em uma situação específica e de menor duração do que o indicado como ideal: cerca de 20 aulas de 1 hora.

Em nossa experiência tivemos um encontro de 1 hora (para definição das equipes), um de 3 horas para a construção das regras coletivas e três encontros



para os jogos e a prática das funções, totalizando 13 horas. Como isso ocorreu ao longo de 2 meses, em encontros quinzenais, a fixação das informações por todos os jovens ficou dificultada. Como forma de manter uma comunicação constante, utilizou-se um grupo de WhatsApp, no qual os regulamentos e regras foram encaminhados e procurou-se instigá-los a expor dúvidas.

Os resultados baseiam-se mais nas impressões e observações dos educadores do PRODHE e das instituições participantes, mas a percepção é positiva: os jovens compreenderam melhor a dinâmica do evento e o seu papel de mediador esportivo, qualificando as intervenções; a relação dos jovens com os jogadores e educadores das equipes foi mais tranquila e fluída.

Em um encontro de avaliação do evento e da mediação, educadores das instituições participantes, muitos dos quais envolvidos há alguns anos nos torneios, apontaram uma evolução dos mediadores, ficando como um ponto a ser melhorado a manutenção da atenção ao longo de todo o evento. Os educadores manifestaram suas opiniões tanto em um formulário –que tem como um dos itens a ser avaliado em uma escala de 1 a 5 a “atuação de jovens como mediadores” - como em uma roda de conversa. Ao todo, sete instituições responderam ao formulário, com média de avaliação 3,8 e moda 4, sendo que na escala 1 representa “não teve influência na criação de situações de aprendizagem” e 5 “resultou em uma importante situação de aprendizagem”.

Ressaltamos ainda dois pontos:

- a dificuldade de avaliar o quanto o modelo “Sport Education” impactou essa formação, porque antes do uso do modelo os jovens participaram de 6 encontros com foco na mediação de eventos para crianças de 5 a 12 anos;
- dos 6 elementos críticos do modelo utilizou-se 3 deles: afiliação, competição e festividade. Os outros 3 elementos – temporada, registro de “scout” e evento final – não foram utilizados. O modelo em si tem como tema central propiciar uma experiência esportiva plena, mas como a proposta foi de focar no aspecto da mediação da experiência esportiva, os 3 aspectos utilizados foram os que fizeram mais sentido no tempo disponível de formação.



## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

O processo foi relativamente tranquilo, com pequenos ajustes: por exemplo, planejou-se inicialmente jogar 3 modalidades por encontro, mas percebeu-se que isso prejudicaria a qualidade da avaliação com os jovens e o foco penderia mais para o jogar e menos para a experiência das funções.

A metodologia “Sport Education” é totalmente replicável e mostrou-se eficiente em um contexto para além da formação esportiva do praticante: na formação do mediador possibilita ao jovem ampliar seu olhar sobre o esporte. Acredita-se que essa experiência reforça os resultados que a metodologia se propõe, de formar pessoas competentes, cultas e entusiasmadas com o esporte.

Salienta-se que na Olipet o mediador esportivo não atua como árbitro, mas como facilitador das decisões pelas próprias equipes, intervindo em situações pontuais.

Além disso, inspirado no “Sport Education”, o PRODHE está desenvolvendo uma metodologia própria e, essa experiência agrega uma contribuição importante para essa construção. Nos últimos três anos e meio experimentou-se o modelo “Sport Education” e desenvolveu-se um modelo pensando no objetivo do Prodhe - estimular uma vida ativa reconhecendo-a como valor e hábito a partir das experiências com jogos, brincadeiras e modalidades esportivas - e nas características do público atendido – crianças de 05 e 06 anos e de 08 a 16 anos. Esse modelo tem como elementos crítico: ludicidade, excelência de si, comunidade de prática, compreensão do jogo e eventos.





## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Proposta de prática:

Início - 10 minutos:

- formação de 3 equipes para a realização de um torneio onde jogaram todos contra todos e a equipe de fora exercitará funções: mediador esportivo, mesário, técnicos e coordenadores do evento (elemento crítico: afiliação);
- cada equipe escolhe um nome e um slogan (elemento crítico: festividade);

Torneio - 15 minutos (elemento crítico: competição):

- 3 Jogos de 3 a 5 minutos. No início do evento serão apresentadas as regras da modalidade e poderão ser feitos combinados entre os jogadores;

Finalização - 5 minutos:

- fazer um painel dos resultados dos jogos e um breve levantamento de destaques – o que chamou a atenção? -, facilitando a discussão posterior.

A proposta pode ser realizada com qualquer modalidade coletiva, dependendo do espaço disponível. Mínimo de 15 participantes para formar as equipes. Demais participantes do evento podem observar a prática.

**Material necessário:** 1 bola da modalidade definida, 15 a 20 coletes, 1 apito, 1 cronômetro, 1 prancheta, 5 folhas de flip chart, 1 canetão, 1 fita crepe.







# Uma prática para desenvolvimento de habilidades socioemocionais

*Sandra Maria dos Santos, Ronaldo Vilaça,  
Suzana Prates, Soraia Eliezer*

**PRODHE/CEPEUSP**

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Em agosto de 2016 tiveram início as atividades do projeto Em Campo – Desenvolvimento Humano e Futebol para meninas de 09 a 12 anos. A proposta visa uma formação integral das capacidades física, técnicas, táticas e das competências socioemocionais através da prática do futebol.

As meninas participam de encontros para treinos terças e quintas das 9:00 as 11:00 e das 14:00 as 16:30. O desafio do desenvolvimento integral se mostrou, ao entrar em campo, extremamente necessário: uma atenção maior nas habilidades socioemocionais; construir um ambiente de integração, respeito e cooperação, para então potencializar o desenvolvimento e formação esportiva. Fatos que aconteciam nas aulas no início do projeto que nos direcionou para esta necessidade:

- Ofensas verbais entre alunas durante vários momentos da aula
- Não cumprimento das regras
- Busca de vantagem pessoal sobre as regras
- Conflitos entre alunas e entre pequenos grupos
- Não cuidar do espaço e deixar em desordem materiais e local
- Buscar culpados para situações
- Não assumir responsabilidades



## RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA

Explorando temas diversos do dia a dia e seguindo uma linha estratégica de conduta para o autoconhecimento, iniciamos as práticas em todas as aulas. Realizamos antes do conteúdo prático de formação esportiva em forma de roda, conversas em grupo único no primeiro momento e no segundo momento algumas vezes alternamos em pequenos grupos e dinâmicas em dupla.

Na roda de conversa utilizamos:

- Ferramenta de *coaching* “Perguntas Abertas”
- Dinâmicas de olhar para história de vida
- Processos que envolva o pensar, sentir e agir, fundamentado pelos estudos da antroposofia para o desenvolvimento humano e de grupos

## COLHENDO APRENDIZAGENS

A ferramenta de *coaching* (a arte de fazer perguntas, gerar reflexões e definir metas para um plano de ação) pode ser aplicada de forma simples em rodas de conversas, grupos, além do momento individual. É de fácil adaptação ao conteúdo da formação esportiva, agregando valor de grupo especialmente quando desenvolve o ser humano como parte do processo, desde a construção de acordos, metas pessoais e de grupos, tomada de decisão, gratidão e reconhecimento.

Os resultados são evidentes no grupo através dos comportamentos em atividades, diante dos fatos:

- Acordos do grupo para tomada de decisão
- Ausência de conflitos em treino ou eventos
- Participação em eventos sem ofensas verbais ou físicas
- Acolher convidados e gerar empatia através da forma de recepção e relação durante as atividades
- Feedbacks dos familiares nos encontros com a família

Ressaltamos que o processo passa por avaliação e feedback permanente diante de cada etapa com alunas de todas as idades e se aplica também em atividades com convidados em dias de jogos.

## REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA

O processo foi cuidadosamente avaliado, realizada de forma confortável, resultados das reuniões de grupo dos facilitadores antes do início do processo.

Na parte específica de formação esportiva passamos a adotar a “Metodologia Treino Social”, em que um de seus aspectos, os jogos especiais, articula-se com a roda de conversa, reforçando o processo para aplicação.

**Metodologia Treino Social:** caracteriza-se por ressaltar que o centro do processo de desenvolvimento é o indivíduo, cuidando para que sua aplicação passe pelo pensar, sentir e agir através da descoberta guiada, sendo aplicado através dos jogos. Abordagem nas áreas: Emocional, Tático, Técnico, Físico e Social.

### **Estrutura da metodologia:**

- Esquema de jogo
- Aquecimento
- Parte principal (Jogos técnicos e jogos situacionais)
- Jogo final
- Mesa redonda

**Como a metodologia fortalece e facilita o processo das rodas de conversas:**

**No esquema de jogo ou roda de conversa inicial** - onde se reúne os participantes, aborda aspectos técnicos, táticos, físicos, sociais ou emocionais. Apresenta a proposta da sessão de treino do dia. Combina acordos e se necessário aplica uma dinâmica de grupo (jogo especial).

**Na mesa redonda** – Momento de reflexão coletiva e individual do grupo acerca das atividades vivenciadas.





## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Uma vez que a conversa começa, deixe o clima descontraído para que a exposição de cada um aconteça de forma espontânea. Explique sobre o objetivo e o tempo para roda de conversa para criar uma organização consciente e defina metas. Em seguida, lembre com as alunas os acordos básicos do projeto, oferecendo a oportunidade de sugerir quaisquer alterações ou reafirmar.

**Disposição do grupo para início da prática:** sempre em roda em que todos estejam no mesmo nível, pode ser no próprio campo ou em cadeiras.

Antes do início da conversa, passar a agenda do dia “Bom dia, boa tarde, ou seja, bem-vinda”. Temos alguma aluna nova? Caso tenha, indicamos que além do “seja bem-vinda” o próprio grupo fale sobre os acordos.

### **Perguntas de aquecimento com o grupo todo em círculo**

- Em uma palavra, qual o seu sentimento do dia ou como se senti hoje?

Este momento também é interessante para alguma auto avaliação ou feedback caso tenha acontecido alguma atividade antes deste dia.

### **Desenvolvimento do tema em dupla com esta ao seu lado**

Em duplas, um de frente para o outro. A (Aluno A) começa: ao ouvir o início de uma frase falada pelo educador continuar enquanto a (Aluno B) apenas escuta até o sinal de troca que acontecerá na média de 40 segundos a 1 minuto. A cada troca de fala muda a frase ou pergunta abordada.

Exemplo de abordagem de tema:

**Aluno A** - Repete a frase e continua:

Participar do evento para mim foi ...

Amizade para mim é...

Do que você falou eu também acho...

O campeonato pode ser melhor ainda se...

**Aluno B** – Repete a frase e continua:

O que eu mais gostei nesta vivência foi...

Uma referência de amizade para mim é...

Eu concordo ou discordo com...

No evento eu gostei muito de...

**Fase de grupo:** Formação de grupos de 3 a 5 participantes. Devem falar por um tempo determinado sobre a pergunta aberta que o facilitador indicar.

**Exemplo de temáticas:**

O que podemos fazer para que a próxima férias seja a melhor de todas?

O que podemos fazer para incentivar a pratica de atividade em família?

O que podemos fazer para ser uma equipe mais forte e competitiva.

O que podemos fazer para que o evento do fim de semana seja muito bom, sem atrapalhar nossas metas em casa e na escola?

No final, pedi para o grupo deixar registrado em papel, o resumo do que foi falado ou um plano de metas ou chuva de ideias. Fortalecendo mais ainda a participação delas no processo de tomada de decisão, analise de solução e construção de conceitos.

**Aprendizagem compartilhada ou plano de metas:** de 3 a 7 minutos; grupo único, falar como reflexões e sentimentos diante da prática; o facilitador ou aluno deve ler e compartilhar as anotações de grupo.

**Pergunta final:** Uma palavra que te resume neste momento?

Objetivo desta pergunta é trazer consciência sempre para o reconhecimento das emoções e entender como o grupo responde a cada temática.

**Materiais de apoio opcional:** Jogo de cartaz com perguntas, apito ou música são materiais que podem ser explorados, além da voz de comando do facilitador.





## NORTEADORES

**Escuta e comunicação:** Com o objetivo de criar, fomentar momentos para a escuta atenta, ativa e efetiva das alunas/atletas. Incorporar o diálogo com os atletas à rotina dos treinos, criando oportunidades permanentes para que expressem suas demandas, opiniões e desejos, inclusive em relação à prática esportiva; inserir as adolescentes em debates sobre esporte, autoconhecimento, gênero, análise de jogo, construção de metas e objetivos da equipe e do projeto.

**O que é escuta ativa?** A escuta ativa é um dos ingredientes mais importantes na comunicação e muitas vezes é o ponto mais fraco da interação. Não existe escuta ativa quando dentro de um diálogo não há uma abertura para com o outro, ou seja, não há uma atenção plena sobre o que a outra pessoa deseja expressar. Algo pode ser diferente a sua própria opinião, no entanto, escutar de forma ativa significa atender com respeito à outra pessoa. Um dos pontos mais importantes para promover a escuta ativa é não julgar o próximo, além de respeitar suas emoções, sentimentos e experiências. A escuta ativa é uma das habilidades mais importantes da inteligência emocional e se conecta de forma direta com a empatia de poder olhar nos olhos do outro. Ou seja, funciona como alguém diferente cujas opiniões também estão condicionadas por sua própria história de vida e experiência.

### **O poder das perguntas:**

Pesquisas recentes de neurociência mostram a reação do cérebro ao ouvir um conselho e uma pergunta. As imagens revelam sinapses completamente diferentes. Ao ouvir um conselho, a mente opera no modo passivo, enquanto que ao escutar uma pergunta, opera no ativo. Na prática é o seguinte: seu cérebro sempre responde às suas perguntas. Portanto, faça perguntas poderosas, que levem a algum resultado.





The image features a central orange circle with the text 'resumos e relatos' in white. This circle is partially overlapped by a larger, semi-transparent orange circle with a halftone dot pattern. To the right of the central circle is a vertical column of ten orange diamonds. A white horizontal line is positioned below the text.

**resumos e relatos**



# Quem somos e o que podemos?

Reflexões sobre equidade  
de gênero com crianças  
de 6 a 8 anos

Kelly Cota e Jady Caroline  
INSTITUTO PASSE DE MÁGICA

## RELATO DA EXPERIÊNCIA

Nos últimos anos questões sobre gênero vêm sendo muito discutidas na imprensa, rede sociais, escolas, etc. No Instituto Passe de Mágica não foi diferente, tivemos algumas formações sobre empoderamento feminino e equidade de gênero e isso fez com que apurássemos o olhar para esses temas, auxiliando na identificação de demandas nos núcleos.

No núcleo Vila Sônia em Piracicaba notamos que a turma dos educandos de 6 a 8 anos estava apresentando, em suas falas e atitudes, sinais que demonstravam desigualdade e/ou negações relativas à gênero. Um bom exemplo é que em muitos momentos o grupo não aceitava determinadas brincadeiras ou atividades, pois as atribuíam a um gênero específico, sendo assim, meninos e meninas acreditavam não poder participar em conjunto de determinadas brincadeiras. Diante de situações como essa começamos também observar que o grupo acabava se dividindo entre meninos e meninas, acentuando ainda mais a desigualdade, fato que rendeu especial atenção já que preconizamos a integração, respeito ao próximo, cooperação e desenvolvimento de processos grupais.

Com isso decidimos desenvolver o tema equidade de gênero com a turma.

Dentro deste contexto e com a demanda apresentada pelo grupo buscamos em aula desconstruir o senso comum referente a gênero. O primeiro passo foi colher mais informações sobre o entendimento da turma a respeito do tema, uma vez que acreditamos que só nossa observação não seria suficiente. Desse primeiro momento concluímos que a

maioria acreditava que existiam “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, por exemplo: cores, brinquedos, brincadeiras, profissões entre outros. Após essa análise começamos a desenvolver atividades e brincadeiras variadas inspiradas naquelas que eles haviam mencionado anteriormente e ao final de cada aula refletíamos em conjunto sobre quais eram brincadeiras de menino ou de menina. Na maioria das vezes a resposta foi que todos podiam brincar de tudo, contudo alguns educandos ainda demonstravam resistência enquanto outros pareciam responder para agradar, pois demonstravam incoerência em suas atitudes.

Na segunda fase pedimos para que os educandos classificassem atividades do cotidiano como sendo para meninos e meninas. Nesse momento alguns educandos entraram em conflitos com outros por terem opiniões opostas, ouvimos relatos dos educandos que, em algumas famílias, atividades consideradas femininas pelo senso comum eram realizadas pelos pais e o inverso também era verdadeiro, esse momento foi bastante rico no sentido de conseguirem perceber dentro de casa o que estávamos trabalhando e da possibilidade de desconstrução uma vez que passaram a enxergar diferentes realidades e possibilidades.

No terceiro momento tentamos desconstruir os pré-conceitos do grupo. Relembrávamos os pontos divergentes das aulas anteriores e trazíamos para o grupo imagens e exemplos de pessoas conhecidas e/ou famosas que realizavam atividades até então consideradas de um gênero específico como por exemplo, homens cuidando da casa e dos filhos, mulheres pedreiras ou pilotas de avião, jogadores de futebol com brinco, anel e usando roupas cor de rosa, etc. As imagens foram de fundamental importância para expandirmos nosso olhar e diálogos para além do projeto, família e escola.

Na última fase do processo confeccionamos um cartaz com duas perguntas:

- Quem eu sou? As respostas foram ‘menina’ ou ‘menino’, porém, não delimitamos essa classificação. Cabe ressaltar que neste projeto não foi previsto discutir identidade de gênero.
- O que posso fazer? As respostas possíveis se deram através das diversas imagens usadas anteriormente para desconstruir os pré-conceitos. O cartaz trouxe mais clareza e facilitou a compreensão dos educandos sobre o tema.





Ao final do processo de aprendizagem observamos que o grupo passou a ser mais tolerante, inclusive indo além do gênero, pois passaram a compreender e aceitar melhor o outro, a turma passou a brincar junta em todas as atividades e os subgrupos se desfizeram.

Igualdade de gênero não significa que as mulheres e homens têm de ser idênticos, mas que os seus direitos, responsabilidades e oportunidades não dependem do fato de terem nascido com o sexo feminino ou masculino.

Assim, a equidade entre gêneros significa que homens e mulheres são tratados de forma justa, de acordo com as respectivas necessidades. O tratamento deve considerar valorizar e favorecer de maneira equivalente os direitos, benefícios, obrigações e oportunidades entre homens e mulheres.

Quando descobrimos o sexo do feto que se encontra dentro do útero da mãe inconscientemente começamos a montar uma caixa de cultura, comportamentos, brinquedos, paradigmas, etc. No momento que essa criança nasce entregamos essa caixa sem dar o direito de escolha. Criamos esse ser dentro de padrões (senso comum) já estabelecidos, meninos de azul, brincando de carrinho ou bola, não mostrando seus sentimentos para não parecer fracos, medindo força com os outros meninos e por aí vai. Já com meninas as coisas são diferentes, entregamos a caixinha do mundo cor de rosa, as enfeitamos como árvores de natal, temos infinitas opções de bonecas, incentivamos a sensibilidade e delicadeza e fazemos delas um “algodão doce”: lindo, fofo e frágil que uma gota da água é capaz de dismantelar. Assim é na maioria das vezes.

Dentro disso pergunto a vocês: Porque fazemos isso? Ou melhor, porque continuamos reproduzindo o que nossos pais e avós fizeram? Sabemos que fisiologicamente existem diferenças entre meninos e meninas, porém essas não deveriam conduzir nossa maneira de se relacionar com o mundo. Deveríamos entregar a cada criança a caixa do conhecimento e permitir que todas experimentem as possibilidades, favorecendo o desenvolvimento físico, mental, social e cultural de forma única.







# Foco na brincadeira

*Priscila Regina e Guilherme Ruiz*

INSTITUTO PASSE DE MÁGICA

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O núcleo da Vila da Paz, esta localizado na Zona Sul de São Paulo, local de vulnerabilidade social. Nós atendemos crianças de 06 a 15 anos com parceria ao CCA – Frei Reginaldo, nosso trabalho irá tratar sobre a abordagem de crianças de seis a oito anos. Após recesso os educandos apresentam comportamento eufórico, com baixa concentração durante as atividades propostas, dificultando absorção das informações durante as atividades aplicadas.

Com o Instituto Passe de Magica tendo como missão o desenvolvimento humano pelo esporte, assumimos que a presença no brincar nessa faixa etária contribui diretamente para um bom aproveitamento dos educandos durante as atividades propostas.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Vygotsky (1984) atribui relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil. É brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor. A criança, por meio da brincadeira, reproduz o discurso externo e o internaliza, construindo seu próprio pensamento. A linguagem tem importante papel no desenvolvimento cognitivo da criança à medida que sistematiza suas experiências e ainda colabora na organização dos processos. A partir disso acreditamos em brincadeiras para intensificar as chances de aprendizados dos educandos em um ambiente lúdico. Estabelecemos como meta os educandos conseguirem manter a atenção em suas ações nas brincadeiras propostas. Para atingir nossas metas utilizamos a estratégia de realizar várias atividades ao mesmo tempo dividindo a quadra em vários espaços. Permitindo aos educandos escolherem de

forma autônoma o seu grupo de acordo com o numero proposto. Dialogamos com os educandos antes e após as atividades sobre o seu desempenho quando concentrados. O quão entretidos ou distraídos estavam nas atividades que executavam no momento. A m de estimular a consciência no que estavam executando.No intuito de respeitar o momento de absorção de cada grupo mantivemos a flexibilidade na duração de cada brincadeira a partir de dialogo com as crianças.Estratégia utilizada por dois meses.Foram utilizamos matérias esportivos tais como; bolas de iniciação, cordas, arcos, cones e bastões entre outros.

## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Sabíamos que os educandos dessa faixa etária têm grande potencial em adquirir aprender diferentes conteúdos, hoje percebemos que os educandos conseguem se aumentar o nível de concentrar-se durante as atividades propostas, porem precisamos trabalhar mais esses conteúdos para que os mesmos consigam desempenhar esse papel em outros ambientes ou em outras situações tais como; sala de aula ou roda de conversa.

Com o grupo mais focado, nas atividades realizadas conseguimos observar uma melhora no desenvolvimento das competências paralelas a concentração. Com isso acreditamos obter maior êxito na missão do IPM de por meio do esporte atingir o melhor desenvolvimento humano.

## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Em nossa realidade a dificuldade encontrada nessa experiência foi a limitação de tempo de aula em relação a demanda de conteúdos a serem passados aos educandos. Assim iniciamos o dialogo com a instituição parceira para a otimização do período de aula diminuindo o consumo de tempo em questões extra-aula.Outra dificuldade encontrada foi o número de atividades relacionadas com o numero de educadores, pois somos em dois educadores e sempre tínhamos no mínimo três brincadeiras acontecendo ao mesmo tempo. Para essa demanda assim como as outras dialogamos com os educandos sobre o foco e a otimização do tempo com a pratica, assim conseguimos explicar também para cada grupo separadamente as atividades propostas. Acreditamos que essa experiência pode ser aplicada em qualquer outro contexto, desde que seja





respeitado as demandas que citamos acima tais como; tempo da criança, dialogo com o grupo, brincadeiras de acordo com a faixa etária e desenvolvimento motor do grupo.

## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Serão realizadas quadro brincadeiras de maneira simultânea, tais como: colheita feliz, basquetinho, queima cone e a corrida pô.Os grupos iram trocar de atividade de acordo com o entendimento e vivencia de cada grupo, após esse período será dialogado em roda como foi a concentração de cada um sem seu grupo e como ele consegue descrever como seu grupo brincou no tempo proposto.

**Material:** 10 bolas de basquete, 2 bolas de iniciação, 2 de vôlei, 2 bolas de tênis, 14 cones, 10 arcos, 2 jogos de 6 coletes e 20 sinalizadores.







# Jovens Protagonistas

*Neusa Ribeiro e Maickon Jhons*

INSTITUTO PASSE DE MÁGICA

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

C.C.A. Padre José Pegoraro, Jardim Lucélia-Grajau inserido o Núcleo Bororé IPM atendendo crianças e jovens entre 06 a 17 anos. Percebemos que no dia a dia, dentro ou fora das quadras, quanto nossos educandos estão crescendo através de todo o conhecimento e experiências que o projeto tem lhes proporcionado.

Devido o contexto social dos educandos, falta de apoio e/ou estímulos positivos muitos deles (a grande maioria) sem ter a vergonha de ser empático e voluntarioso diante das demandas que podem encontrar, seja na família ou na comunidade da qual fazem parte. O conhecido, o praticado como forma de criar uma demanda onde pudessem atender as necessidades de um outro grupo, de forma descontraída, feliz e sem julgamento foi a maneira que encontramos junto a eles para dar início a este pequeno

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Os objetivos e metas foram de os educandos entenderem a importância de colocar em prática seus aprendizados e experiências, e aprender enquanto ensinam fortalecendo em cada um a auto estima em suas potencialidades humanas ao reconhecerem em si os vários benefícios que a convivência no projeto proporcionou e seguirá proporcionando a suas vidas e na daqueles que possam conhece-los.

Visto que neste grupo de educandos houve bastante resistência a mudanças, seja por insegurança, baixa estima, pois, todo o novo, o desconhecido causa desconforto e receios.



Mas aceitaram seguir em frente na certeza que não há certo ou errado e sim trocas. As estratégias utilizadas foram: divisão em pequenos grupos (duplas, trios, etc.) para a distribuição das tarefas e necessidades.

Preparação de um plano de aula com as atividades específicas para a turma que fossem de acordo com a idade e também com o desejo do grupo a fim de possibilitar a todos estarem incluídos de forma prazerosa.

### **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Não sabíamos que esta experiência proporcionaríamos os resultados imaginados e/ou desejados, mas percebendo que alguns educandos mesmo saindo do projeto, não deixavam de participar colaborando com seus aprendizados e servindo de referência aos mais novos. Hoje os educandos da turma e os ex-educandos que participaram ativamente destas experiências/vivências conseguem entender que a liderança pode ser pessoal (momentos das escolhas, do pensar nos caminhos a trilhar), bem como exercer lideranças em prol de alguém, um grupo, família (autonomia), e que estas postas em prática permite o reconhecimento da própria identidade, respeito e acolhimento pela identidade do outro em suas diferenças, tendo o bem comum e o próprio desenvolvimento caminhando lado a lado.

### **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Certamente a esses educandos quando as dificuldades se zerem presentes nos diversos contextos em que estejam inseridos talvez de início se sintam perdidos, mas conseguiram respirar e olhar para si e as inúmeras possibilidades de buscar nas experiências vividas uma porta, uma forma que lhes de acesso para reconhecer e colocar em prática as melhores atitudes e habilidades a fim de resolver as questões que venham a surgir. Como educadores nos sentimos felizes e emocionados com o pequeno progresso e sabemos que muito ainda há para se fazer, cada dia, cada semana ou mês as demandas são diferentes e o tempo por vezes nos parece pouco. Mas a vontade de seguir realizando ações, onde possamos através do esporte (basquetebol) dizermos: “Não há bola perdida...então se joga na bola...estamos claramente lhes dizendo se joga na vida com todas suas dificuldades, suas regras e diferenças e vá buscar o seu lugar, a sua melhor escolha que realmente te faça crescer e ser feliz”...



## **COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Apresentação do contexto do assunto desenvolvido. Apresentação de fotos em slide. Minidocumentário em vídeo com depoimentos de nossos jovens educandos.

Material: Data Show ou TV.







# Empoderamento e Protagonismo Juvenil

*Natalia Araújo de Souza*

INSTITUTO FAMÍLIA BARRICHELO

## INTRODUÇÃO

O Instituto Família Barrichello criado pelo piloto Rubens Barrichello, nasceu em 2005 como organização da sociedade civil sem fins lucrativos, para combater a desigualdade e a exclusão social. A direção está focada na promoção da ética, da cidadania e do fortalecimento dos vínculos, valores familiares e comunitários.

Hoje o Instituto atua na região central de São Paulo com o “Projeto Esporte na Rua para uma Cultura de Paz”, em parceria com organizações da sociedade civil, que atendem por meio de serviços o público de criança, adolescente e suas famílias. Nestes serviços há o limite de idade de até 14 anos e 11 meses, após essa faixa etária é realizado o desligamento.

Compreende-se que o educando nessa idade ainda se encontra em processo de desenvolvimento e com diversos conflitos pertinentes à adolescência, fase entre a infância e a vida adulta.

Entre os questionamentos presentes estavam: como esse adolescente vai ficar após o desligamento do serviço; a falta de serviços que atendam adolescentes C.J. (Centro de Juventude) na região central de São Paulo; os conflitos pertinentes à faixa etária; dificuldades nos vínculos familiares; falta de repertório cultural e de lazer; alta vulnerabilidade e a exclusão social presentes nos territórios em que residem: Baixada do Glicério e Campos Elíseos, região conhecida popularmente por ‘Cracolândia’, local com grande concentração de dependentes químicos.



Diante desse contexto social o desligamento do serviço pode caracterizar um rompimento muitas vezes penoso para o adolescente que ainda não se sente preparado para os desafios da vida ou precisa ingressar precocemente no mercado de trabalho abandonando à escola para ajudar a compor a renda familiar.

De acordo com o autor (Becker, 2003) que apresenta alguns fatores que implicam nas perspectivas do adolescente de classes sociais menos favorecidas quanto ao futuro:

As desigualdades e a injustiça social se refletem profundamente na adolescência. O jovem de classe mais baixa chega com grandes desvantagens nesta fase. Atravessa-a com muita dificuldade, frequentemente sem ter espaço para pensar em conflitos familiares, questões sexuais ou mudanças no próprio corpo, pois têm necessidades básicas mais urgentes a serem atendidas, como conseguir roupa, comida e ajudar financeiramente na vida familiar. Assim suas perspectivas e opções para o futuro ficam muito limitadas.

Compreendendo os desafios dessa etapa da vida o objetivo com os grupos de adolescentes propôs um viés de resignificação de questões que permeiam a construção de sua história, possibilitando escolhas conscientes e assertivas em meio a tantas incertezas: O que fazer agora? Qual caminho devo seguir? Como conseguir o primeiro emprego?

Neste sentido, o Instituto Família Barrichello vem oferecendo um espaço para trocas e reflexões com o intuito de promover o Empoderamento e Protagonismo Juvenil, e o encaminhamento para o mercado de trabalho.

Foram consideradas algumas hipóteses para a realização dessa atividade: a criação de vínculos que proporcionasse ao grupo aderir à construção de um trabalho juntos; desconstruir crenças que limitavam o pensar para além do que a realidade oferecia e o regate dos sonhos. Essa proposta foi para os adolescentes que estavam em processo de desligamento do serviço.



## ORIGEM DA EXPERIÊNCIA

A psicologia teve como desafio compreender a dimensão subjetiva dos fenômenos sociais pela qual esses adolescentes, incluindo seus familiares estavam inseridos, sendo um facilitador no processo de elaboração e construção de significados à forma de como o grupo se relaciona com o território. Essas observações aconteceram por meio de encontros que aconteceram antes do início das atividades e permitiu obter dados do convívio familiar, escolar e social dos adolescentes e identificar suas necessidades. A proposta dos temas e os combinados com o grupo também ocorreram nesses primeiros contatos.

O Instituto Família Barrichello tendo em sua base construir estratégias que fortaleçam os vínculos familiares e comunitários junto à criança e o adolescente; projetos que promovam mais saúde e bem-estar; meios de preparar jovens para o mercado de trabalho e a criação de Políticas Públicas que promovam desenvolvimento humano. Os temas foram pensados para que alcançassem objetivos pautados na promoção da ética, da cidadania, do fortalecimento dos vínculos, valores familiares e comunitários, sendo eles:

- Abertura para novas experiências e a conscientização do seu papel no mundo e na sociedade;
- Expressar-se de maneira não violenta;
- Reconhecer suas necessidades individuais, potenciais e dificuldades;
- Perceber e respeitar à diversidade cultural, gênero, orientação sexual e contexto social;
- Apropriar-se dos espaços públicos e ampliação do repertório cultural;
- Preparação para saída do projeto “Esporte na rua para uma Cultura de Paz” e inserção no mercado de trabalho.

Os encontros aconteceram quinzenalmente a partir de rodas iniciais de conversa, metodologia utilizada pelo Instituto (IB).

As intervenções foram pautadas em experiências lúdicas, culturais, esportivas como forma de expressão, interação, aprendizado, sociabilidade, proteção social, dinâmicas e jogos grupais. Foram utilizados diversos materiais pedagógicos para contribuir no processo socioeducativo com o grupo de adolescente, além do espaço físico que estava sempre organizado com imagens que facilitavam o tema a ser discutido no encontro.



No início os adolescentes apresentavam dificuldades em dizer quais eram seus sonhos, seus anseios e suas perspectivas de desenvolvimento e o que pretendiam realizar profissionalmente após a saída do serviço, revelando baixa autoestima e falta de referenciais.

Ao longo dos encontros foi possível estabelecer vínculos, que facilitou desenvolver com esses adolescentes um novo conhecimento, sobre si, sobre o outro e sobre o território em que vivem. Ter um olhar mais consciente para sua realidade e na construção de sua história de forma não violenta.

No decorrer dos encontros os adolescentes diziam conhecer diversos locais de cultura e lazer, tanto espaços públicos quanto privados, que ao passar do tempo pode-se perceber que conheciam somente pelo nome, ou por fazer parte do seu trajeto, revelando o quanto não se apropriavam ou não se sentiam pertencentes àqueles lugares.

Destacaram-se nessa caminhada alguns aprendizados significativos: à apropriação dos espaços públicos, realizando passeios a diversos locais de cultura e lazer no centro de São Paulo, que vem de encontro a uma observação inicial do grupo, em que os adolescentes puderam de uma forma estruturada conhecer esses espaços e se apropriarem deles em outros horários com seus familiares para além dos encontros. Outro ponto significativo foi à realização de uma parceria com CIEE (Centro Integração Empresa Escola) que facilitou à inserção dos adolescentes no Projeto de Aprendizagem e encaminhamento ao Mercado de Trabalho. Entre os principais desafios que estavam presentes tivemos: a não participação da família e à falta de incentivo deste responsável para a continuidade do educando em outros projetos.

Na finalização do encontro foi realizado um rito de passagem com os adolescentes. Uma cerimônia de encerramento do processo com a entrega de certificados aos participantes, ressaltando que a jornada do futuro trará muitos outros aprendizados.

O Instituto Barrichello acredita que este trabalho pode ser realizado com outros públicos e faixas etárias, uma vez que foi construído em conjunto, o que facilitou compreender suas reais necessidades.





## RELATO DA EXPERIÊNCIA

### **Mobilização que foi construída com o grupo: Foco nas garantias de Direitos da Criança e do Adolescente – ECA.**

Realizamos uma ação em comemoração ao dia 18 de maio: Dia de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

No mês de maio foram realizadas ações com os adolescentes, educadores e parceiros, somando a luta e a responsabilidade pela garantia e defesa dos direitos da criança e do adolescente.

#### **Ações:**

- Sensibilização com os educadores sobre a importância do tema;
- Atividade formativa com os educadores sobre dia 18 de maio;
- Sensibilização e mobilização com os educandos.

As atividades com os educandos tiveram como objetivo a sensibilização sobre o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, onde também propomos atividade de caráter mobilizador envolvendo uma ação pelo bairro da Liberdade.

Os adolescentes construíram materiais gráficos e fizeram uma caminhada pelas ruas do bairro, munidos de cartazes e distribuíram flores (símbolo da campanha) aos pedestres. A ideia foi proporcionar para esses adolescentes construir uma experiência de aprendizado e conscientização para além da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- Becker, Daniel. (2003). *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense.
- Estatuto da Criança e do Adolescente. (2014). São Paulo: CMDCA
- Ozella, Sérgio. (2003). *Adolescências construídas*. São Paulo: Cortez.
- Palma Priotto, Elis. (2013). *Dinâmicas de grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Rosembeg, Marshall B. (2006). *Comunicação Não-violenta*. São Paulo: Ágora.

## Potencialidades:

Atuação da equipe  
Interdisciplinar  
e Metodologia  
Instituto Barrichello

Observamos que a prática interdisciplinar entre os profissionais (Psicologia, Social, Educação física e demais profissionais) vem aumentando a eficiência dos temas abordados, uma vez que a equipe trabalha com o mesmo objetivo, utilizando a especificidade de cada área de atuação, o que enriquece as possibilidades de intervenção.

Fonte: Guia do Educador - Instituto Barrichello

SECRETARIA DE  
SANTO PAULO  
Educação



# Encontro de Família

## para o desenvolvimento humano dos educandos

*Dayane Alves da Silva*

INSTITUTO FAMÍLIA BARRICHELO

### **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Atendemos crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, na região central de São Paulo como a Cracolândia e Baixada do Glicério. Norteando nossa ação nos três pilares da educação, comunicação não violenta e desenvolvimento humano, por meio do esporte. Acreditamos que para atingirmos o desenvolvimento humano dos educandos, precisamos fazer um trabalho conjunto com suas famílias, pois é esta, uma importante referência de transmissão e construção de valores. Neste contexto e com estas premissas, temos identificado que as questões relacionadas a comunicação na convivência entre pais e filhos é uma questão que muitas vezes tem se dado de forma agressiva, os levando a um afastamento e não há um diálogo, o que corrobora para a forma como os educandos reproduzem suas ações nos outros ambientes que convivem. Face a estas questões ao longo dos dois do projeto, temos desenvolvido encontros de família, com o objetivo de proporcionar um espaço de vivência e aprendizado

### **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Com o objetivo de identificar refletir sobre os sentimentos e a forma como os responsáveis agem frente a uma situação de conflito com a criança e ou adolescente, propusemos uma vivências e espaço de troca para que se expressem. Divididos em duplas receberam e responderam a uma filipeta com perguntas diversas como: 1 – Quando ele (a) não me obedece, eu me sinto 2 – Quando ele (a) me responde quando chamo sua atenção, eu me sinto 3 – Quando sou chamada atenção na escola porque ele (a) desobedeceu a professora,



eu me sinto.4 – Quando ele (a) briga com os amigos, eu me sinto.5 – Quando ele (a) me questiona, eu me sinto; entre outras. Após refletirem sobre as perguntas, as duplas escolheram uma filipeta com o sentimento que melhor expressasse o que sentiram na referida situação (tais filipetas estavam espalhadas em círculo pelo ambiente) em seguida cada dupla leu para o grupo a sua filipeta e relatou o seu sentimento e a forma como agem nessas situações. Durante este processo, fomos mediando, trazendo elementos da comunicação não violenta de Marshall Rosenberg e a compreensão do Desenvolvimento Humano de Rudolf Steiner, utilizando dinâmicas que envolviam o pensar, o sentir e o agir, como defendido também por Rudolf Steiner. A atividade durou 1:20 minutos.

### **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Observamos que um recurso bastante utilizado pela maior parte das famílias é a violência, tanto na fala como física. Mediante a isso e as vivências e reflexões de CNV (reconhecer a minha necessidade naquele momento do conflito, o meu sentimento e como faço meu pedido a partir de um diálogo de paz) os desafiamos a praticarem alguns exercícios que podem impactar positivamente na convivência intrafamiliar. Os familiares se mostraram sensibilizados, mesmo após o encontro, nos procuraram para relatar dificuldades e os resultados positivos na comunicação intrafamiliar, apresentando maior empatia. Algo relevante, é porque os educadores trabalham esta temática também com os educandos através do esporte, reforçando o trabalhando em conjunto. Outro fator que identificamos é que as famílias não se sentiram jugadas, todas falaram suas experiências, trocaram possibilidades de intervenções, criando um campo de identificação, respeito e confiança.

### **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Algo importante dessa experiência é que as famílias apresentaram essa temática como uma necessidade a ser trabalhada e se mostraram abertas e dispostas, cientes que não temos uma “receita de bolo”, mas que o educar é uma construção de aprendizados. Uma dificuldade enfrentada, foi quanto ao não comparecimento de alguns familiares, devido ao horário de trabalho. Em



alguns núcleos conseguimos realizar os encontros no período da noite e observamos que houve uma maior participação de responsáveis. Essa atividade pode ser realizada com outros grupos etários, variando apenas as perguntas.

## **COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Divididos em duplas os educadores receberão e responderam a uma filipeta com perguntas sobre conflitos com os educandos tais como: 1 – Quando ele (a) não respeita os combinados eu me sinto; 2 – Quando ele (a) me responde de forma agressiva, quando chamo sua atenção, eu me sinto; 3 - Quando ele (a) não me respeita eu me sinto; 4 – Quando ele (a) briga com os amigos, eu me sinto.; 5 – Quando ele (a) não quer participar da aula, eu me sinto; entre outras.

Após esse momento de reflexão serão convidados a escolher as filipetas com o sentimento que sente nessas situações. Mediante a isso realizaremos uma mediação baseada na CNV. O material utilizado será tarjetas com perguntas e filipetas dos sentimentos.







# Physical Literacy

## e ginástica para todos: em busca de congruências

Larissa Marques da Silva e

Prof. Dr. Mariana Harumi Cruz Tsukamoto

EACH - USP

### RESUMO

*Physical Literacy*\* é um conceito utilizado desde os anos de 1930 e nas últimas décadas as discussões sobre vem sendo ampliadas. Trata-se de um termo utilizado para compreender o ser humano de forma holística e buscando melhorar a sua qualidade de vida.<sup>1</sup> Por considerar características como a cultura, o respeito aos níveis de habilidades e variedade de atividades, a *Physical Literacy* possui relação com modalidade gímnica Ginástica para Todos. Este trabalho visa através de revisão bibliográfica analisar o termo *Physical Literacy*, buscando identificar o significado do termo e qual a integração prática poderia ser realizada tendo como base a modalidade gímnica Ginástica Para Todos. Realizou-se comparação entre as bases presentes na *Physical Literacy* e os fundamentos da Ginástica para Todos, ficou evidente que ambos possuem aproximações e que a possibilidade de trabalho da *Physical Literacy* não se restringe apenas a modalidade Ginástica para Todos.

### INTRODUÇÃO

É possível notar que as práticas de atividades físicas esportivas estão sendo cada vez mais estimuladas e percebidas pelas pessoas, contribuindo para atributos como, contribuição do estilo de vida saudável, potencializar a qualidade de aprendizagem nas escolas, estar presente em Neste trabalho, vamos manter o termo em sua versão original em inglês, buscando manter todo o significado que ele carrega e evitar possíveis equívocos na interpretação.

---

\*Neste trabalho, vamos manter o termo em sua versão original em inglês, buscando manter todo o significado que ele carrega e evitar possíveis equívocos na interpretação.

- Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.



momentos de lazer.<sup>2</sup> O comportamento sedentário está presente no cotidiano da população e é possível constatar um aumento desse comportamento no decorrer da vida do brasileiro. Desse modo, observa-se que durante a infância e a adolescência os indivíduos apresentam níveis mais elevados de atividades físicas, níveis esses que vão regredindo com o passar do tempo.<sup>3</sup>

Assim surge o desafio de fazer com que a população se torne ativa e ao mesmo tempo em que também se deseja que indivíduos que são ativos permaneçam nessa condição por toda a vida.<sup>3</sup> Existem abordagens que dialogam com essa preocupação, sendo uma delas a *Physical Literacy*, que assume as características como a motivação, confiança, competência física e compreensão do envolvimento com atividades físicas ao longo de toda a vida.<sup>4</sup> Para que essas particularidades sejam contempladas, existe a necessidade de que as características estejam presentes na prática.

Na população existem pessoas que não tiveram oportunidade de aprender habilidades que favorecem um amplo comportamento motor nos primeiros anos de vida e talvez por isso não consigam ou tenham limitações para se envolver atividades físicas em outros períodos da vida. Abordagens como a *Physical Literacy*, que visam à promoção desse estado nas pessoas, surgem como uma alternativa para tentar suprir essa necessidade. Uma gama de atividades pode auxiliar no processo. Entre as possibilidades de práticas elegemos a Ginástica Para Todos (GPT).

Tanto a abordagem *Physical Literacy* quanto a GPT apresentam o respeito às individualidades, oportunizam que os praticantes possam participar do processo considerando as experiências anteriores e outros aspectos que serão apresentados ao longo do trabalho. Assim, o objetivo deste trabalho será explorar as aproximações entre o termo PL e a modalidade GPT e compreender se a GPT pode ser utilizada como uma ferramenta para o desenvolvimento da abordagem PL.



## **PHYSICAL LITERACY**

Physical Literacy aborda a ideia que o desenvolvimento das capacidades do indivíduo seja alcançado de forma ampla, levando em consideração não só as habilidades motoras e a competência física, mas também características como a motivação, a confiança e o conhecimento. Por contribuir com essas esferas, acredita-se na promoção de potencialidades que contribua de forma significativa para a qualidade de vida.<sup>1</sup>

PL é contextualizada como a motivação, confiança, competência e habilidade que o indivíduo necessita para realizar atividade física, podendo resultar no modo do indivíduo interagir com o ambiente para se desenvolver. Esses componentes são aplicados durante toda a vida, levando em consideração as individualidades, como as diferenças culturais, o ambiente em que está inserido, a relação autônoma em relação à prática, desse modo colaborando com um estilo de vida saudável.<sup>4</sup>

## **GINÁSTICA PARA TODOS**

A Ginástica Para Todos é uma modalidade ginástica que deve ser trabalhada respeitando os limites de cada um, privilegiando as potencialidades e a subjetividade presente no movimento de todos.<sup>5</sup>

A GPT apresenta fundamentos que a identificam, sendo eles:

- O uso de elementos baseados na Ginástica
- Criação e/ou participação de composições coreográficas
- O estímulo à criatividade
- Não possui restrições ao número de participantes
- Liberdade de vestimenta
- Uso de materiais não convencionais ou alternativos
- A diversidade musical
- Inserção de elementos culturais
- A não competição e o favorecimento da inclusão
- A formação humana
- O prazer pela prática.<sup>6</sup>

Todos os fundamentos apresentados são trabalhados com liberdade e permitem a prática de acordo com as necessidades do grupo, além de colaborar com aspectos sociais (prazer, interação com o grupo).

## BUSCANDO AS CONGRUÊNCIAS

O quadro abaixo relaciona e sintetiza as informações sobre PL e GPT.

|  |  |
|--|--|
| Physical Literacy                                | Ginástica Para Todos   |
| Motivação  | Participação de desafios e o prazer pela prática   |
| Confiança e Competência Física                   | Os participantes são estimulados a executar respeitando seus limites e suas experiências.<br><br>Melhoria da condição física.                  |
| Interação/Relação com o ambiente e com os outros | Possibilidade de variação nas interações com o outro.<br><br>Variação de instrumentos<br><br>Relação do grupo<br><br>Composição da coreografia |
| Senso de si e autoconfiança                      | Autoconhecimento, consciência corporal, bem-estar  |
| Auto Expressão e comunicação com outros          | Respeito às diferenças, interação com o grupo, conseguir apresentar a temática da coreografia  |
| Compreensão e conhecimento                       | Aprendizagem de movimentos, conhecimento da modalidade e de todos os componentes envolvidos  |
| Todos possuem potencial                          | Democrática, respeitando as características dos praticantes.   |
| Proporciona experiências variadas                | Proporciona diversidade de movimentos corporais.   |

Quadro 1. Possíveis relações entre as bases da PL e os fundamentos da GPT.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho exploramos Physical Literacy e GPT pode-se perceber que os dois possuem amplitude, a PL no seu conceito e GPT em seus fundamentos. Com base nesse estudo pode-se perceber que ambos possuem congruências e que contribuem para a prática de atividades físicas respeitando a motivação dos indivíduos.

Assim como a preconização do *Physical Literacy* a GPT também se preocupa pelo oferecimento de práticas que proporcionam diversão, inclusão e possibilidade de bem-estar. A GPT pode ser utilizada como um meio para o desenvolvimento de um indivíduo *physically literate*, essa estratégia para o desenvolvimento não é uma característica única da GPT, também pode ser desenvolvido com outras práticas.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup>Physical Literacy. Disponível em: <<http://physicalliteracy.ca/physical-literacy/>>. Acessado em: 13 de abril de 2017.
  - <sup>2</sup>PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano – Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para todas as pessoas. Brasília: PNUD, 2017.
  - <sup>3</sup>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. VIGITEL Brasil 2016: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/abril/17/Vigitel.pdf>>
  - <sup>4</sup>WHITEHEAD, M. Physical literacy: Throughout the lifecourse. Reino Unido: Routledge 2010.
  - <sup>5</sup>PAOLIELLO, E (Org.) Ginástica Geral: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, 2008.
  - <sup>6</sup>TOLEDO, E.; TSUKAMOTO M. H. C.; CARBINATTO M. V. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: Nunomura, M. (Org.). Fundamentos das Ginásticas - 2.ed. São Paulo: Fontoura, 2016. P.21-48.
- 





# Pedagogia do encantamento

## no trabalho com jovens e suas famílias

*Lilian Borges*

INSTITUTO PASSE DE MÁGICA

### **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O trabalho com famílias desenvolvido na educação formal não consegue aproximar as famílias da escola, pois sempre reafirma os defeitos e dificuldades dos jovens e muitas vezes usa uma comunicação extremamente violenta para abordar as necessidades dos alunos com os pais. Exaltando defeitos sem levar em conta potencialidades e muitas vezes culpando os responsáveis. Em busca de reverter esse quadro efetuamos uma metodologia com base nos livros de Paulo Freire e na comunicação não violenta.

### **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Efetuamos reuniões de pais por meio de atividades lúdicas com o objetivo de debater temas complexos do dia e dia de forma descontraída, proporcionando um ambiente que trabalhe as questões da comunicação não violenta. Tais atividades visam retratar os temas debatidos com os adolescentes nos grupos, permitir que os responsáveis aprendam a melhorar a comunicação com os filhos e assim fortalecer os vínculos.

### **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Com as atividades depois recebemos relatos de responsáveis que usaram a metodologia da CNV com os filhos e obtiveram bons resultados. Diante disso os próprios jovens também nos trouxeram elementos que nos permitiu perceber a melhora na relação com os pais.



## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

É perfeitamente possível fazer isso com qualquer faixa etária e com qualquer nível de escolaridade, uma vez que, a linguagem lúdica e os princípios freireanos partem do princípio da "leitura de mundo precedida pela leitura das palavras". Esse ambiente proporciona um espaço de debate que respeita as diferenças de saberes e enfatiza as potencialidades dos participantes o que gera maior autonomia.

## **COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Exercício de empatia em que os participantes terão uma série de sentimentos positivos e negativos e receberão casos para se colocarem no lugar dos personagens. Deverão analisar sem julgar (princípio da CNV) e estabelecer os sentimentos e necessidades de cada um e juntos tentarem uma solução positiva para o caso que não precisasse usar a violência como forma de encerrar o conflito.

Não há restrição de participantes pois serão divididos em grupos.



- NENHUM INDIVÍDUO É UMA ILHA
- PRIMEIRA SOCIEDADE
- CONSTRUÇÃO DE VALORES
- INTERAÇÃO SOCIAL
- HISTÓRICO DE VIOLAÇÃO DE DIREITOS
- FATOR EMPREGO
- PRECARIIZAÇÃO DO EMPREGO
- DESAFIOS IMPOSTOS PELA SOCIEDADE DE CONSUMO





# Tchoukball

o esporte da paz  
que auxilia na  
formação de pessoas

*Eduardo Palone Brunello*  
FUNDAÇÃO GOL DE LETRA

## ORIGEM E RELATO DA EXPERIÊNCIA

Este artigo pretende discutir a prática da modalidade esportiva tchoukball, desenvolvida e disseminada pela Fundação Gol de Letra no Programa Jogo Aberto da Unidade São Paulo. Os resultados verificados comprovam a efetividade das aprendizagens propostas, não só em relação aos fundamentos como modalidade propriamente dita, mas também em relação ao desenvolvimento de habilidades sociais que permitem aos participantes fortalecer sua participação em grupos sociais e, conseqüentemente, lhes permite reunir maiores possibilidades de lidar de forma positiva com os desafios impostos pelas duras realidades sociais nas quais estão imersos.

Para a compreensão do contexto deste trabalho, cabe explicar brevemente o que é a Fundação Gol de Letra. A referida instituição é uma organização não governamental, criada há 19 anos por dois ex-atletas profissionais de futebol, Raí Oliveira e Leonardo Araújo, que busca promover, por meio de ações socioeducativas permanentes, o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes, jovens e seus familiares, moradores de comunidades socialmente vulneráveis nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Criado em 2004, o Programa Jogo Aberto contribui para a Educação Integral de atores sociais por meio de aprendizagens socioeducativas de esporte e lazer, desenvolvendo e estimulando a prática esportiva e promovendo a cultura do esporte na comunidade da Vila Albertina, Zona Norte da Cidade de São Paulo.

O programa atende cerca de 900 crianças e adolescentes, com foco no aperfeiçoamento de capacidades e habilidades indispensáveis ao desenvolvimento humano.

Durante esses mais de 10 anos de prática da modalidade na Fundação Gol de Letra, visualiza-se abaixo o seguinte histórico:

- ✓ Introdução da modalidade – 2005 no Projeto Lazer aos Sábados
- ✓ Introdução da modalidade – 2007 em escolas públicas parceiras
- ✓ Introdução da modalidade – 2009 na grade de atividades do núcleo próprio
- ✓ 2011 – Participação de três adolescentes no YWTC (Youth World Tchoukball Championship em Traiskirchen, Áustria
- ✓ 2013 e 2015 – Campeão Brasileiro na Categoria M15

Cerca de 500 alunos tiveram contato com a modalidade, seja em formato de aulas práticas ou oficinas esportivas.

O tchoukball nasceu dos pensamentos do Dr. Hermann Brandt durante os anos 1960. No decorrer de seu trabalho, este médico de Genebra na Suíça se deparou com um grande número de atletas que se lesionavam durante a prática esportiva. Ele percebeu, dentre outras necessidades, que esses traumas se deviam aos movimentos que não eram adaptados à fisiologia humana ou as várias formas de agressividade encontradas em certos esportes

Entre 1989 e 1992, houve a introdução da modalidade no Brasil. Vale ressaltar que a Fundação Gol de Letra introduziu esse esporte 16 anos após a implantação no país. Sobretudo pela ação de professores e atletas voluntários que auxiliaram nessa ação com dedicação e disponibilidade.

Dentre os pilares que auxiliaram na implantação do esporte, citamos abaixo alguns indicadores que facilitaram esse processo pedagógico:

**ACESSÍVEL : EM CINCO MINUTOS DE EXPLICAÇÃO VOCÊ JÁ ESTÁ PRONTO PARA JOGAR**

- Os movimentos são básicos e naturais;
- A ausência de contato permite que seja jogado por equipes mistas;
- É uma boa alternativa para quem quer iniciar a prática esportiva.





## INTENSO : UM ESPORTE INTERESSANTE, COMPLEXO E COLETIVO

- Ausência de obstrução;
- A inteligência é requerida o tempo todo durante a partida;
- É uma prática esportiva muito empolgante.

## TÁTICO : UM ÓTIMO EXEMPLO DE ESPORTE COLETIVO

- Requer o verdadeiro espírito de equipe;
- Senso de observação, constante atenção e antecipação dos movimentos;
- Prática independente das habilidades físicas.

## JOGO LIMPO : UMA FILOSOFIA EXEMPLAR

“O objetivo das atividades físicas não é criar campeões, mas contribuir para a construção de uma sociedade mais harmoniosa ...” - frase do Dr. Hermann Brandt – médico suíço que inventou o Tchoukball durante os anos 60.

Houve estudos de Filosofia, Psicologia e Sociologia para promover a modalidade em todos os níveis de disciplina (esporte competição ou rendimento, esporte recreação ou lazer e esporte educação)

O Tchoukball procura eliminar:

- Jogadas desleais
- Agressividade desnecessária

Contextualizando o enquadramento dessa discussão, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96)<sup>5</sup> em seu artigo 1º, parágrafo 2, afirma que “a educação escolar deverá se vincular ao trabalho e á pratica social”<sup>6</sup>. Pois bem, a escola publica brasileira, serviço acessado pela imensa maioria da população socialmente vulnerável, é organizada em turnos parciais de trabalho, por disciplinas fragmentadas e cumpridas de forma individual no currículo acadêmico. Este modelo de educação orientado pela cientificidade contrasta com a definição de educação integral, adotada pelo Centro de Referências em Educação Integral<sup>7</sup>, a saber:

A educação é por definição integral na medida em que deve atender a todas as dimensões do desenvolvimento humano e se dá como processo ao longo de toda a vida. Assim, educação integral não é uma modalidade de educação, mas sua própria definição. (CREI. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/conceito/>



Acreditamos que a educação integral deve abranger todos os locais por onde essas crianças e jovens frequentam. Desde família, escola, igreja, serviços de atendimento ou qualquer outro espaço em rede que possibilite uma formação de valores para sua vida como cidadão, seja em seus deveres bem como na aquisição de seus direitos.

Para a realização do esporte tchoukball e a construção do objetivo de seguir o conceito da educação integral já descrito, os educadores da Fundação Gol de Letra tomaram a realidade dos participantes como ponto de partida do trabalho, e assim puderam compor o quadro de estratégias para tornar essa modalidade uma ferramenta de educação e lazer, fato que constitui a metodologia aqui descrita.

Com a intenção de ilustrar de forma mais clara e concisa o método aplicado, vamos utilizar um quadro comparativo entre as práticas adotadas no projeto e o conceito dos quatro pilares da educação (aprender a Conhecer, Fazer, Viver juntos e Ser), desenvolvidos para a UNESCO pela Comissão Internacional Sobre Educação Para o Século XXI<sup>10</sup>, liderada por Jacques Delors.

| <b>Prática adotada do projeto</b>  | <b>Integração aos quatro pilares da educação</b> |
|--|--|
| Construção coletiva de atividades da modalidade esportiva tchoukball, indicação de temas de pesquisa por parte dos participantes, adoção de avaliação regular de aprendizagens;              | Aprender a aprender                              |
| Criação de regras coletivas, aulas práticas de tchoukball com fundamentos e jogos adaptados  | Aprender a fazer                                 |
| Debates, mediação direta de conflitos entre os envolvidos, trocas de ideias via grupos e mídias virtuais, participação em festivais e eventos que fomentem a prática do esporte educacional; | Aprender a conviver                              |
| Respeito e educação  | Aprender a ser                                   |



Abaixo descrevemos os principais resultados verificados pelo processo de avaliação que foi realizado ao longo dos anos nos quais a modalidade foi trabalhada com os participantes do projeto.

- ✓ A qualificação de habilidades técnicas;
- ✓ O desenvolvimento de relações positivas entre os participantes;
- ✓ A disposição dos adolescentes para participar das atividades, sejam elas as aulas práticas, demonstrações e festivais;
- ✓ A fidelização dos adolescentes ao projeto;
- ✓ O protagonismo dos adolescentes na disseminação da modalidade.

Conforme descrito no artigo 4º da Lei 8.069/90 que dispõe sobre a proteção à criança e ao adolescente, devem ser assegurados com absoluta prioridade direitos como saúde, esporte, lazer, cultura e educação, dentre outros. Visto que os modelos culturais se impõem para a formação de identidades individuais e coletivas, os espaços de formação que mobilizam a totalidade de dimensões dos indivíduos devem integrar todos estes elementos em práticas formadoras positivas que impactem efetivamente seu desenvolvimento, tornando-os empoderados para viver em sociedade, papel que demonstra ter sido cumprido na introdução de uma modalidade alternativa como o tchoukball, em contraponto ao futebol por exemplo, como a modalidade esportiva mais praticada no país.

Diante do exposto ao longo deste artigo no que tange à implantação e desenvolvimento do tchoukball observamos que o esporte e o lazer são opções de ações integradoras e mobilizadoras, capazes de fortalecer seus praticantes e de se constituírem como atividades de educação integral, na perspectiva de unir: lazer, aprendizado e integração das diferentes dimensões humanas. A partir daí, é passível ao indivíduo criar perspectivas inéditas de pensamento e ação, transformando sua participação na sociedade.





## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acessado em: 30/08/2017

CREI – Centro de Referências em Educação Integral. **Conceito de educação integral**. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/conceito/>> Acessado em: 30/08/2017.

DELORS, J. (Ed.). **Educação: Um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez/Brasília – MEC/Unesco, 1998. Disponível em:

<<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-00047000/000046258.pdf>>  
Acessado em: 30/08/2017

Brasileira, A. d. (30 de Agosto de 2017). *Histórico*. Fonte: ABTB – Associação Brasileira de Tchoukball: <http://www.tchoukball.esp.br/page.php?tipo=11>





# Esporte e gênero

*Mauricio Amatto, Mallena Sales, Deyse Cristiane, Douglas Felix*

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O Projeto “Esporte e Gênero” trazem para a centralidade do trabalho realizado pela Fundação Gol de Letra um tema bastante atual e ainda pouco discutido em seus territórios de atuação, a igualdade de gênero. Embora o Brasil seja signatário de todos os acordos internacionais que asseguram de forma direta ou indireta os direitos humanos das mulheres bem como a eliminação de todas as formas de discriminação e violência baseadas no gênero, as desigualdades de gênero permanecem profundamente arraigadas em nossa sociedade e a tolerância social à violência contra as mulheres ainda é presente em nossa cultura. A cada 5 mulheres brasileiras, 3 sofreram ou sofrem violência doméstica, o Brasil é o 5<sup>a</sup> país no mundo em Femicídios e, de acordo com dados da Ong Save the Children, o Brasil é o pior país da América do Sul para ser menina. Em relação à Educação, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015) enquanto o percentual de homens jovens que não têm acesso à educação e ao trabalho é de 15,4%, a proporção de mulheres jovens nessa condição ainda é muito maior (29,8%). Isso porque enquanto apenas 47,4% dos homens jovens cuidam dos afazeres domésticos, 91,6% das mulheres jovens têm de fazer tais serviços. Nesse dado também pesa a gravidez na adolescência que acaba retirando essas meninas da escola antes de concluírem seus estudos. A pesquisa da (Always 2016) aponta que estudo revela que 53% das garotas acreditam que vão abandonar o esporte até o final da puberdade.

Dessa forma, elas se veem obrigadas a interromper o processo de estudo e esporte, ou são desencorajadas pelo cônjuge a continuarem. Nos territórios da Vila Albertina (SP) a situação reproduz as estatísticas brasileiras e as mulheres, embora sejam a maioria da população local, ainda não conseguem usufruir de forma plena de seus direitos humanos. Por acreditar que a

igualdade de gênero não é apenas um direito humano básico, mas a sua concretização tem enormes implicações socioeconômicas, que o Projeto “Esporte e Gênero” têm a intenção de dialogar sobre a igualdade de gênero, promover estratégias de equidade de gênero, para que as meninas e meninos possam ter as mesmas oportunidades e direitos garantidos.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

As oficinas de Esporte e Gênero foram realizadas semanalmente, totalizando oito encontros, com as modalidades basquete e vôlei, trouxemos as temáticas Gênero, Diversidade, Prevenção de Gravidez e DST's e Gentileza nas relações para as práticas esportivas.

No primeiro encontro foi aplicado um método de avaliação para diagnosticar o que as turmas sabiam sobre os temas, foram montadas quatro estações com as perguntas e para responde-las, eles deveriam praticar algum movimento da modalidade e no último encontro para avaliar o que a turma aprendeu, o método foi usar imagens e eles deveriam responder a qual temática ela pertencia e através de cartões coloridos respondiam o quanto sabiam sobre o assunto.

Todas as oficinas foram realizadas em quadra usando os fundamentos de cada modalidade para introduzir o tema, uma delas foi a “Troca de papéis” onde meninos deveriam “jogar como meninas” e vice-versa, para que no final pudéssemos problematizar junto aos educandos os estereótipos de gênero impostos pela sociedade.

Em todos os encontros propusemos espaços seguros físico ou emocionalmente para que principalmente as meninas pudessem praticar esportes com mais confiança e segurança, porém tivemos dificuldades de mantê-las por diversos motivos e um dos principais é que algumas delas eram responsáveis pelos cuidados com irmãos menores e com a casa, diferente dos meninos que sempre estiveram presentes nas oficinas e em grande número. Na modalidade de basquete por exemplo finalizamos com apenas uma menina.

O projeto Esporte e Gênero continua e estamos buscando outras formas de trazer e manter as meninas, usando o esporte como ferramenta de transformação social e emancipação delas.

## **COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**Objetivo:** Sensibilizar o grupo para as discussões sobre Esporte e Gênero e realizar levantamento dos conhecimentos prévios sobre a temática.



## **Estratégia:**

- Estações de Conhecimento
- Primeiro bloco (meu corpo, prevenção de gravidez, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Serviços de Saúde).
- Segundo bloco (Equidade de Gênero).

## **Materiais Necessários:**

- Quatro mesas
- Quatro envelopes de perguntas
- Perguntas (Anexo)
- Quatro envelopes de respostas
- Canetas
- Bolas (conforme a modalidade esportiva)
- Cronômetro

## **Descrever a atividade: Como fazer?**

1. O educador (a) colocará as mesas uma em cada canto da quadra ou espaço na qual acontecerá a atividade, importante em cada estação (Mesa) o responsável (a) coloque uma pratica esportiva conforme a modalidade na qual será aplicada.

### **Exemplo:**

Modalidade: Voleibol

Primeira estação: Toque e manchete

Segunda estação: Ataque e Defesa

Terceira estação: Dois toques na bola \*Toque e Manchete

Quarta estação: Saque

2. Em seguida canetas e envelopes nas estações contendo as perguntas do (primeiro bloco), junto com envelope para colocar as respostas.

3. Divida os educandos (as) em quatro subgrupos de forma que aja meninas e meninos nos grupos. Em seguida coloque cada grupo em uma estação.

4. Nesse momento o educador (a) irá orientar a atividade que será realizada, explique qual pratica da modalidade será desenvolvida em cada estação, (o educador (a) cronometrará 2 minutos de pratica e 1 minuto para resposta). Ao final de cada pratica o grupo responderá à pergunta, que contem na estação e passará para próxima, até completar todo o circuito do primeiro bloco.





5. Ao finalizar está primeira parte o educando (a) dará uma pausa de 5 minutos para os grupos se hidratarem, nesse momento o educador (a) trocará os envelopes de perguntas e resposta iniciando o segundo bloco de Equidade de Gênero. Nesse bloco a atividade seguirá os mesmos comandos realizados no bloco inicial.

6. Fechamento: O educador (a) irá desenvolver uma roda de conversa com o grupo de educandos (as), buscando que os participantes tragam em suas falas pontos da atividade que chamou atenção. Ao final da roda o educador (a) compartilhe com o grupo suas observações.

Esta é uma atividade de avaliação caso esteja presente mais de um educador (a) o interessante que um seja o aplicador o que irá fazer as coordenadas para grupo, e outro observador ficará atento as frases, dados, como o grupo reagem as perguntas. Isso ajudará a compilação dos dados para o diagnostico inicial do grupo.





adidas



FUNDACIA  
**GOL  
DE LETRI**

CONSTITUCIÓ DE LA FUNDACIÓ  
1. Objecte i finalitat de la Fundació.  
2. Domicili i seu social.  
3. Durada.  
4. Composició i funcions de l'òrgan de govern.  
5. Règim de modificació de l'estructura orgànica.  
6. Règim de modificació de l'objecte i finalitat.  
7. Règim de modificació de l'estructura patrimonial.  
8. Règim de modificació de l'estructura de recursos humans.  
9. Règim de modificació de l'estructura de recursos materials.  
10. Règim de modificació de l'estructura de recursos immaterials.  
11. Règim de modificació de l'estructura de recursos immaterials.  
12. Règim de modificació de l'estructura de recursos immaterials.  
13. Règim de modificació de l'estructura de recursos immaterials.  
14. Règim de modificació de l'estructura de recursos immaterials.  
15. Règim de modificació de l'estructura de recursos immaterials.

# Esporte na rua?

*Leidiane Delmondes e Reinaldo Almeida*

INSTITUTO FAMÍLIA BARRICHELO

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

### **Esporte Na Rua Bairro Glicério**

Atuamos na rua Anita Ferraz, a primeira rua de lazer do município de São Paulo, com as parcerias pudemos atender muito mais do que apenas os moradores, pois os CCA's dessa região tem um número considerável de crianças, sendo assim nosso poder de atuação e impacto social amplia e se estende pela região a fora. Utilizamos muitos jogos e brincadeiras tradicionais sensibilizando as crianças e adolescentes a importância do brincar livre, do aprender brincando, da alfabetização corporal, tudo isso norteado pelos 4 pilares da educação, a Comunicação Não Violenta (CNV) e inteligências Múltiplas, sendo essa metodologia construída pelos profissionais do IB.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Nossa proposta é gerar jogos e atividades na rua de lazer do Glicério e expandir para outros ambientes como por exemplo as quadras e demais locais nas proximidades, no decorrer desses dois anos temos e tivemos parcerias com os CCAS da região o que tornou possível um atendimento amplo entre as faixas etárias de 5 a 15 anos.

Atualmente atendemos crianças e adolescentes do CCA Alegria, localizado no Bairro Liberdade, que acolhe pessoas do Glicério e Alto da Bela Vista, temos 4 turmas de 25 crianças sendo duas turmas de adolescentes e duas de crianças.



## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Não sabíamos que o projeto teria uma aderência tão positiva, os educandos não faltam ao CCA e adoram as aulas do projeto, percebemos que eles valorizam essas saídas para as ruas e quadras, pois no bairro tem pouquíssimos locais de lazer para as crianças e adolescentes. A parceria também contribui demais para que o trabalho aconteça de forma prazerosa, facilita a aquisição dos documentos das crianças, facilita o encontro de famílias e participa de todos os eventos institucionais possíveis, principalmente as formações e capacitações de educadores.

## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

O Sucesso que acreditamos ter é o reconhecimento das pessoas sobre a importância desse trabalho, que é mais do que movimento, do que ocupar o tempo, mas sim de integração, melhora da comunicação, reconhecer seus potenciais e pontos a melhorar, enfim aprender com uma proposta de esporte e brincadeira que ajudem os a se desenvolver como pessoas importantes que são. Encontramos adversidades na rua como por exemplo carros estacionados, e chão desnivelado, isso fez com que nós fossemos explorar o território na busca de novos locais para a prática de atividades, atualmente encontramos um local mais adequado e seguro para as crianças, a praça Vereador Paulo Kobayashi conhecida como a quadra da Câmara municipal, localizada a 12 minutos do CCA Alegria. Nesse local é possível expandir o leque do conhecimento entre as atividades e jogos, tornando as atividades mais desafiadoras e seguras para os nossos educandos.

Certamente precisamos ter mais projetos como esse em outros locais, as pessoas nos olham com admiração quando estamos no trajeto para os locais de prática, e poucos CCAS da região tem projetos esportivos com foco educacional nesse território.





Acreditamos o projeto ser muito importante para o desenvolvimento social esportivo educacional dessa molecada que infelizmente são lesados no seu direito de brincar livre no território deles, pois não há ruas adequadas ao lazer, nem quadras e nem clubes esportivos municipais, eles moram de fato na periferia do centro, onde os imóveis são cubículos que abrigam muitas pessoas, que por vezes até revezam cama para dormir, ambiente de vulnerabilidade social muito grande, de fato os Centros de Convivência são abrigos seguros que garantem uma alimentação digna e nutritiva, artes, cultura, esporte e educação para esses pequenos que nada tem de produtivo fora do CCA. Cabe a nós educadores encorajar e desenvolver um trabalho que transcenda, que desperte nas crianças a vontade de sonhar com dias melhores, fazendo com que os seus passos vão ao encontro do sucesso.



# a Experiência

to para apresentar a comerciantes e pessoas a fim  
conseguir recursos para pagar transporte, taxa  
bitragem, alimentação e transporte

e queremos? Do que precisamos?

ajuda.





# Educador: da sensibilidade à formação

*Kelly Cota*

INSTITUTO PASSE DE MÁGICA

## RELATO DA EXPERIÊNCIA

Há 5 anos, quando transferimos nosso núcleo de atendimento, muitos educandos nos acompanharam ao novo local, no entanto, a grande maioria era novo, o que significava que estávamos passando por um processo de reconhecimento do espaço, demandas, público, etc. Após duas semanas de aula um garoto de onze anos apareceu no ginásio, cumprimentou várias crianças e no momento de começar a aula, já em roda, perguntei seu nome e ele, sem hesitar, responde: “João Pedro!”. Nunca imaginei que este nome faria parte da minha vida para sempre.

A aula aconteceu normalmente e desde então João já demonstrava muita desenvoltura na modalidade, além de ser inteligente, corajoso, destemido e criativo. Logo pensei, temos um talento! E embora esse nunca tenha sido o propósito do IPM, não deixou de nos chamar atenção.

No seu segundo dia, notamos João muito feliz, principalmente por ser pré-coletivo, era o seu primeiro! O jogo começou: passes, dribles, arremessos e uma violação - o apito é soprado uma vez, duas, três e João continua correndo, resolvo chamá-lo: “João!!!!” e em seguida um educando olha pra mim e diz: “Ele é surdo dona”. Naquele momento um buraco se abriu, não estava preparada para lidar com a situação, na faculdade nada tinha visto sobre e agora eu tinha um educando surdo bem ali, o que fazer?

Depois de passar o susto, ou melhor, depois de tirar aquela cara de desespero do rosto, fui ao encontro do João e confirmei a informação, confesso que não sabia mais se apitava o jogo.



No caminho para casa pensei a todo o momento o que fazer, me questionei como pessoa, como profissional e principalmente como educadora.

Em reunião de planejamento conversei com o meu parceiro de trabalho e tentamos criar estratégias para conseguir se comunicar com o educando, contudo eram dois leigos sentindo-se como dois surdos numa palestra sem interprete (hoje eu realmente entendo essa expressão). Todos os recursos que utilizamos foram paliativos, apenas ajudavam. Já estávamos no final do semestre e íamos entrar em férias, não havia muito que fazer.

Saímos de férias e a angústia em não atender bem aquele educando me acompanhou, pensei em várias estratégias, porém todas esbarravam na comunicação, estava quase me conformando que eu seria apenas mais uma educadora na vida do João, até que percebi que se a barreira era a comunicação eu precisava aprender a falar com ele e compreender seu mundo. Busquei então a pós-graduação em LIBRAS, além do curso do idioma.

Conforme o tempo passou acabei compreendendo mais a cultura surda e após dois meses do início das aulas estava na hora de ir além. Passei então a buscar sensibilizar o grupo e a melhor forma disso acontecer foi através da empatia. Ministrei uma aula inteira muda, com um esparadrapo na boca e os educandos ficaram enlouquecidos, foi quando conseguimos sensibiliza-los. Através disso introduzimos as oficinas de LIBRAS com o auxílio de mães interpretes na rede pública.

A conexão com o João passou a ser muito forte já que ele estava acostumado a sempre ser deixado de lado por aqueles que o julgavam diferente. Ele acabou por nos mostrar que diferentes somos todos nós.

Aquele menino que começou conosco acreditando que as aulas de basquete eram apenas uma atividade para ocupar o seu tempo se desenvolveu e teve oportunidade de mostrar seu talento em um clube da cidade, fez peneira e passou pelo seu desempenho. Infelizmente lá não souberam escutá-lo com a alma e talvez a inquietações dos técnicos não foram as mesmas que tivemos, principalmente se tratando em oferecer as mesmas oportunidades para todos os atendidos. Esse olhar individualizado faz com que os nossos ex-educandos ainda se sintam ligados ao Instituto oferecendo um vínculo sincero e carinhoso.



Hoje o João não está mais neste clube, pois não conseguiu ser compreendido. Ele voltou ao Instituto, onde se sente em casa sendo querido, bem recebido, importante, respeitado e valorizado por todos.

Sou muito grata por ter tido a oportunidade de fazer parte da formação do meu querido João Pedro, foram muitas brigas porque eu queria conversar em LIBRAS e ele não, pois acreditava que só poderia ser ouvido se falasse português e isso não é verdade, o basquete tem uma linguagem universal. Também tive a oportunidade de ter sido um ombro amigo para a família que as vezes, com medo de deixá-lo voar, podavam seu talento.

Sei que não conseguimos acompanhar todos os nossos educandos e mesmo assim sei que levo um pedaço de cada um deles comigo porque com eles eu aprendo diariamente a ser uma pessoa melhor.

Essa vivência me fez refletir sobre a necessidade do olhar apurado dos educadores para diagnosticar a necessidade dos seus educandos. Será que de fato enxergamos a demanda dos nossos educandos? E quando falamos de treinamento, será que os técnicos e treinadores observam os atletas como indivíduo? No caso do João isso não ocorreu e isso fez com que lhe fosse negado uma oportunidade de viver no ambiente esportivo com as mesmas possibilidades dos demais.

É essa reflexão que deixo para cada um, será que sempre haverá a diferença do social para o rendimento ou podemos desenvolver os dois aspectos juntos como uma unidade que agrega e soma para o desenvolvimento humano?





# Reconhecendo meus potenciais

*Leidiane Delmondes e Rafael Eichhorn*

INSTITUTO PASSE DE MÁGICA

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Ao aplicar a avaliação individual com base nos quatros pilares da educação. Percebemos que os potenciais não são reconhecidos pelos educandos, logo não se permitindo expressar de maneira proativa e autônoma. Sendo que o público que desenvolvemos isso tinha de 12 a 17 anos. Então, realizamos questionários sobre a intensão deles ao ir para o projeto. Por que eles faziam o projeto? Por que acordavam cedo? Qual a motivação deles em participar? O desafio era fazer com que eles pudessem tomar consciência do que eles faziam bem, não apenas no projeto, mas também em outros ambientes que eles frequentam.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

No primeiro momento, pensamos como poderíamos estimular a auto avaliação, nossa ideia inicial era que nós estimulássemos eles a refletirem sua autoavaliação, trazendo reflexões sobre isso frequentemente, para atingir nosso objetivo, no final do ano os educandos começarem a fazer isso sozinho e autêntico. Então ao final das aulas, nas rodas, solicitávamos uma nota de zero a dez sobre a participação deles nas atividades. As primeiras semanas que fizemos isso colocamos assuntos bem amplos, como: Se avaliem como foram no jogo, na aula e desempenho deles. Após isso começamos a direcionar mais as notas deles com assuntos mais específico, ex: Dedicção, Concentração, Marcação, Cooperação, Passe, Trabalho em Equipe, etc. Nosso próximo passo foi questionar e justificar o por que se deram essa nota. E cada semana que passa, nós entravamos mais no assunto e questionava mais, com isso, no começo das atividades alguns educandos já começaram se avaliar sem a necessidade de o educador perguntar.

## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

A princípio os educandos cavam tímidos ou não conseguiam ter a percepção deles durante as atividades. Avaliava-se de forma desinteressados, sem conexão consigo mesmo. Ficavam tão preocupados com o fazer que deixavam de lado o ser. É um dos pilares da educação fundamental para o desenvolvimento deles no projeto. E também transcender, colocar essa prática no dia a dia. Eles demonstravam não compreender a importância deste autoapercepção para conseguirem expressar seus potenciais.

Essa proposta de desenvolvimento foi fundamental até para nos conectar mais com eles. Porque isso fazia com que estimulasse mais a participação deles em aula. Além disso, os educadores davam *feedback* individual, fazendo com que eles percebessem no que eles estão melhorando.

## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Os educandos já estão conseguindo compreender a nossa proposta e o principal, estão entendendo e reconhecendo a importância de se autoavaliar diante de suas atitudes.

Além de estarem conseguindo fazer sua autoavaliação, estão reconhecendo e tentando mudar seu comportamento diante suas atitudes. Temos muitos educandos que em momentos de tensão cada um tem um comportamento diferente, ficam nervosos, desanimados, tímidos, bravos. Depois de algum tempo começamos a perceber, que conseguiam se controlar mais durante esses momentos de tensão.

Para dar continuidade ao nosso objetivo estamos querendo fazer uma pequena tabelinha para que todo final de aula eles se derem uma nota, ter um material físico em que eles possam ver o seu desenvolvimento em todas as aulas. Também estamos estudando uma forma de aplicar essa ideia com os educandos mais novos só que de uma forma mais lúdica e divertida.

## **COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Apresentação com slides. Não havendo limite de pessoas para assistir.



13 e 14 DEZ 2017

CENTRO DE ATIVIDADES DA USP

Av. Márcia, 151



# Esporte Jovem

## uma proposta de competição pedagógica

*Wellington da Silva Briza*

SESC BERTIOGA

### **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

Os modelos de competição apresentados visão apenas a vitória. A proposta foi fazer os alunos entenderem tudo o que envolve a competição, desde a preparação até a definição do campeão. Como 30 jovens de 13 a 15 anos da turma de Futebol iriam encarar o desafio de desenvolver um campeonato.

### **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

Os objetivos eram realizar uma competição que não focasse apenas no jogo formal de futebol, que todos os jovens teriam que participar de alguma forma em todo o processo de desenvolvimento da competição e dos jogos. Os jovens realizaram uma votação para definir quais seriam os jogos que fariam parte da competição, desenvolveram as regras de cada jogo e regulamento de toda a competição. Para montar as equipes os alunos se classificaram e classificaram os outros alunos em: 1 - jovens que não são bons; 2 - jovens regulares; e 3 - jovens bons. A média das notas que cada aluno recebeu, proporcionou a ele uma classificação. Desta classificação os alunos foram divididos em 3 equipes por sorteio entre os níveis de conhecimento para equilibrar as equipes. Os alunos participaram da equipe de arbitragem.

Contamos com a participação de 30 alunos sendo 6 meninas e 24 meninos e a participação de dois instrutores de atividades físicas. Computadores e celulares foram utilizados para realizar as pesquisas para o desenvolvimento do regulamento. Do início do processo de desenvolvimento até o final da competição foram 3 meses, dentro de um trabalho todo pautado no ensino por meio do jogo.



## **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Não imaginávamos como seria a adesão do grupo para a construção da competição e eles nos mostraram que estão abertos e dispostos a novos desafios. Eles demonstraram um comprometimento do início ao final de todo processo, mostrando que é possível o desenvolvimento de uma competição focada no desenvolvimento do aluno. Os resultados demonstram que o processo de ensino por meio do jogo conseguiu atingir os objetivos traçados e que os alunos conseguiram entender que eles são parte ativa do processo de ensino.

## **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

A dificuldade fazer os alunos entenderem o porque eles precisavam participar deste processo de construção. Eles só compreenderam a importância desta participação quando começaram a realizarem os jogos, neste momento ficou claro todo o processo de desenvolvimento. As dificuldades em definir alguns pontos do regulamento eram colocadas em discussão para chegar a um consenso. Todas as dificuldades foram colocadas em discussão para o grupo resolver. Nossa experiência pode ser aproveitada em qualquer contexto, pois é uma construção coletiva que será feita de acordo com o entendimento do jogo dos participantes.

## **COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Os participantes irão construir de uma competição pedagógica: 1- escolha da modalidade; 2 - os jogos que serão realizados; 3 - desenvolvimento do regulamento; 4 - classificação dos jogadores. Não há limite mínimo e máximo.







# Estrelas do Beisebol

uma proposta de  
esporte e transformação

*Wellington da Silva Briza*

SESC BERTIOGA

## **ORIGEM DA EXPERIÊNCIA**

O programa Estrelas do Beisebol desenvolvido na unidade do Sesc Bertiooga é uma iniciativa do Consulado Americano em parceria com Sesc São Paulo e a Major League Baseball, oferecendo o ensino do beisebol, da língua inglesa e da liderança. O programa é uma extensão de outros programas que geram bons resultados na cidade de São Paulo, por isso, o Sesc decidiu expandir esta iniciativa para outras cidades. O beisebol foi a modalidade esportiva escolhida por ser uma parceria pré-existente entre o Sesc São Paulo e a Major League Baseball para o fomento do esporte no Brasil. O desafio foi iniciar um programa que leva o beisebol como modalidade esportiva chave, em uma cidade que não possui nenhum núcleo esportivo que desenvolvia a modalidade. Além da modalidade esportiva os jovens teriam o comprometimento de estudar inglês e liderança. O público do programa é formado por jovens de 13 a 15 anos da rede pública.

## **RECONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA**

O objetivo geral do programa é proporcionar a formação de jovens lideranças comunitárias capazes de atuar na promoção social em suas comunidades e influenciar o desenvolvimento de habilidades para seu futuro profissional. Os objetivos específicos de cada pilar de atuação são: Esportivo – ensinar os conhecimentos táticos, técnicos e estratégias para o jogo de beisebol; Inglês – elevar o conhecimento da língua; Liderança – construir o conhecimento para o desenvolvimento de projetos e desenvolvimentos de habilidades pessoais. A meta do pilar esportivo: possibilitar os jovens a compreender o jogo de beisebol de forma geral e a difundir o

beisebol. O programa teve início em 2016 com uma turma de 32 jovens, 2017 estamos com a segunda turma de 29 jovens. O programa tem duração de 10 meses, com atividades 3 vezes na semana com duração de 3h30 cada encontro. A metodologia de ensino esportivo é pautada na proposta do Teaching Games for Understanding (TGFU). As aulas eram conduzidas por um instrutor de atividades físicas, em alguns encontros um técnico de beisebol acompanhava as atividades, utilizamos materiais alternativos e o ciais da modalidade, utilizamos vídeos, câmeras, os jovens foram acompanhar um jogo ao vivo de beisebol e o Centro de treinamento Yakult que é referência no beisebol brasileiro, realizaram jogos com outras equipes, conheceram e desenvolveram trabalhos voluntários, conheceram os jovens embaixadores americanos.

### **COLHENDO APRENDIZAGENS**

Não sabíamos como seria a adesão dos jovens no programa pelo comprometimento de uma grande carga horária e a cobrança no desenvolvimento de todas as atividades. Especificamente da modalidade não sabíamos como seria a adesão a uma modalidade esportiva que nenhum deles conhecia. Hoje contamos com um grupo que se reúne para jogar beisebol aos finais de semana, alunos que ensinaram amigos e familiares a jogar beisebol, alunos que buscaram times jogar beisebol e alunos que utilizaram o conhecimento dos outros pilares para o seu desenvolvimento pessoal no mercado de trabalho. O programa conseguiu cumprir seu objetivo geral e os específicos conseguindo ampliar a visão de futuro dos jovens e difundir o beisebol.

### **REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

Os alunos conseguiram conhecer e compartilhar experiências de realidades diferentes, a transição de conseguir pensar no outro, como conseguir ajudar o outro, aprender a receber crítica e a criticar, aprender a colocar seu ponto de vista e saber respeitar o ponto de vista do outro, entender a importância do trabalho em grupo e entender a importância da sua contribuição no trabalho em grupo. Os desafios que foram surgindo no decorrer do programa foram levados e discutidos em grupo para a construção coletiva de soluções. A experiência pode ser aproveitada em outros contextos de forma integral ou parcial.





## COMPARTILHANDO A VIVÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Os participantes participaram da construção do jogo de beisebol para entender a lógica tática, estratégias e técnicas que envolvem a modalidade. Limite: mínimo: 2 e máximo:30  
 Sequencia pedagógica: ações defensivas: 1- arremessar, recuperar e receber a bola (jogos de arremessar, recuperar e receber bola). 2-como realizar as eliminações. Ações ofensivas: 1 - rebater e pontuar (jogos de rebater e correr). Construção do jogo.

Materiais: 30 bolas de tênis (iniciação, bolas de meia ou bolas de papel), tacos 5 (raquetes ou cabos de vassoura),60 cones chapéu chinês, 30 luvas de beisebol, 10 bases de Eva ou bambolês.





# MARATONA DE SISTEMATIZAÇÃO

## DE PRÁTICAS EM ESPORTE

## E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Realização:



Apoio:





